

BRASIL---PROVINCIA DE S. PAULO

SESSÃO CIVICA

EM

HOMENAGEM

AO SENADOR

JOSE' BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

REALISADA

em a noite de 8 de Dezembro de 1886

NO

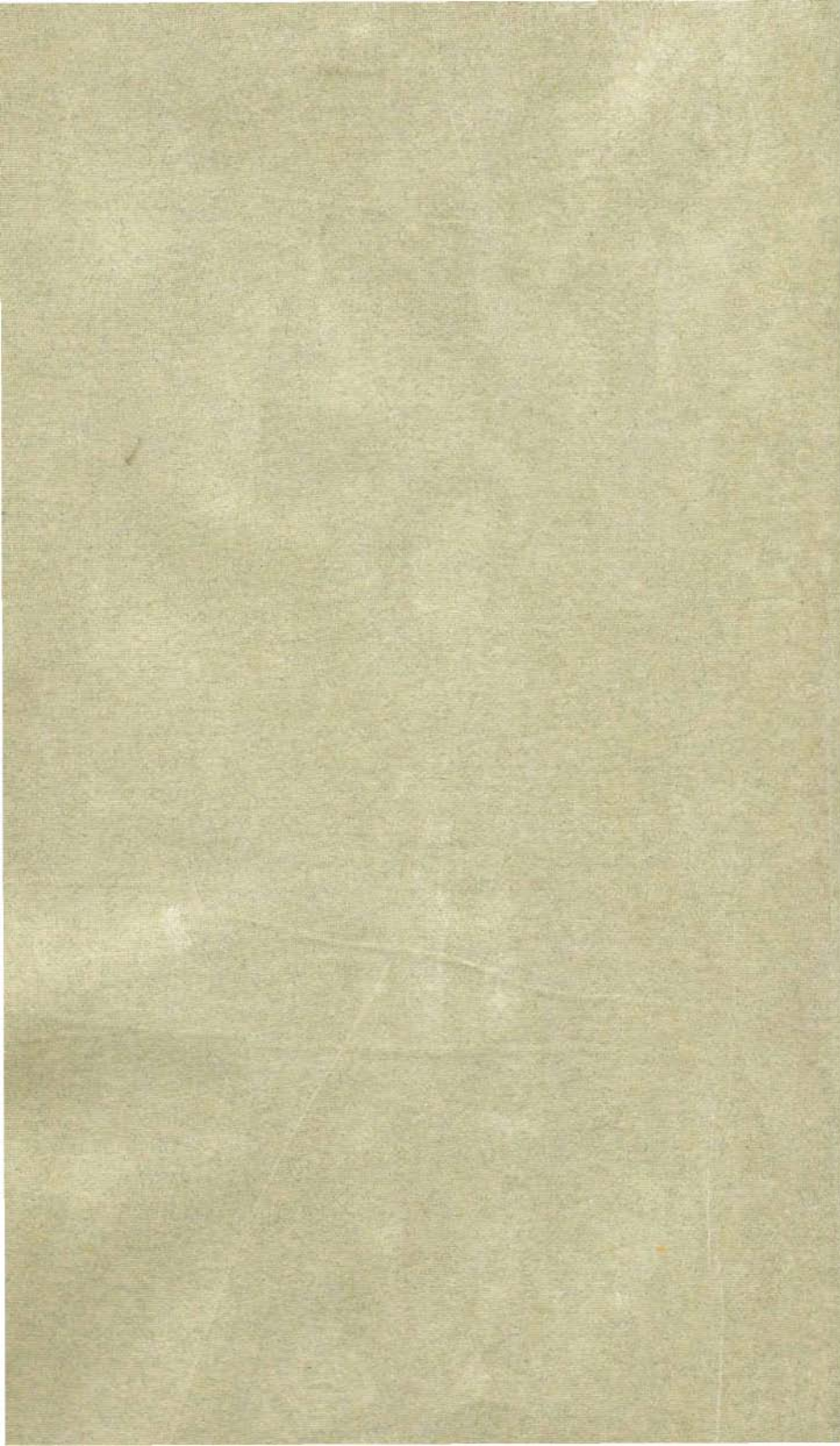
THEATRO S. JOSÉ

Publicação em favor da libertação dos captivos

Roga-se á imprensa a não reprodução destes discursos.



São Paulo
TYPOGRAPHIA KING
LEROY KING BOOKWALTER
1887.



*et' b'mm m'ta P'dreçõs da
Gazeta de Notícias*

*tem a honra de offerecer
Princípios sobre*

BRASIL --- PROVINCIA DE S. PAULO

SESSÃO CIVICA

EM

HOMENAGEM

AO SENADOR

JOSE' BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

REALISADA

em a noite de 8 de Dezembro de 1886

NO

THEATRO S. JOSÉ

Publicação em favor da libertação dos captivos.



S. PAULO:
TYPOGRAPHIA KING
LEROY KING BOOKWALTER
MDCCCLXXXVII.

AO PUBLICO

Não «preza aos musgos do caminho» como elle o disse em seus ultimos versos, porém inspirando a patria, e lhe imprimindo o cunho essencial de que era dotado—o amor á liberdade—a alma do grande brasileiro José Bonifacio de Andrada e Silva, ha de arrancar o Brasil da lethargia moral em que tem vivido até hoje, e lhe fará comprehender qu. deve e ha de restituir á humanidade essa grande parte de seu ser, a qual tem sido arredada a communhão dos homens pelas algemas da escravidão. E por isso que os bons filhos desta terra, e todos os estrangeiros que a amam, em santa e pressurosa romaria afflucem, aos milhares, em torno do tumulo de José Bonifacio, a lhe prestarem as homenagens mais solemnes e cordiaes que por ventura tem visto este pais.

Foi para este fim que a cidade de São Paulo alevantou-se inteira em a noite de 8 de Dezembro de 1886, e foi ao theatro São José sancionar com a sua adhesão, o preito que se tributava ao Grande Morto,—subscrevendo tacitamente o lemma do eminente e illustrado brasileiro, conselheiro Ruy Barbosa, orador official de tão patriotica solemnidade «Primeiro a abolição, nada sem a abolição, tudo pela abolição.»

E para auxiliar esta causa que dá-se a lume este trabalho.

S. Paulo, 20 de Dezembro de 1886.

DR. CLIMACO BARBOSA.

DISCURSO

DE

ABERTURA DA SESSÃO



O SR. DR. BRASÍLIO MACHADO : — Convido o exm. sr. conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas a presidir a sessão.

O EXM. SR. CONSELHEIRO DANTAS

Senhores,

Ao abrir esta sessão, perduravel preito de gratidão nacional, e que ha de ficar entre as homenagens mais significativas e mais condignas da memoria do grande cidadão, á beira de cujo tumulto a patria ainda chora ; nas breves palavras a que devo limitar-me, não me seria licito exprimir-vos, com a permanencia de nossa commum adhesão ao eximio patriota, outros sentimentos, além do nosso profundo reconhecimento ao desinteresse intemerato e á incomparavel eloquencia porque, até ao derradeiro sopro, se lhe assignalou o esforço na defeza de todas as grandes causas da liberdade, da democracia e do futuro de nossa patria.

Consenti, porém, que tanto mais penhorado me incline ante a honra de vosso convite, para associar-me, no posto mais eminente desta assembléa, ás manifestações da patriótica saudade que nesta hora nos congrega, quanto os ultimos annos da vida politica de José Bonifacio fortificaram entre elle e quem ora vos dirige a palavra, com a amizade que ligava-nos, uma communhão cada dia tanto mais intima de ideias, e sentimentos, de principios e aspirações, que nenhum dever me poderia ser mais grato do que dar sempre, como hoje entre vós, o testemunho da minha maior veneração á memoria do illustre brasileiro, onde quer que no tempo e em algum ponto do paiz se tratasse de celebrar o exemplo de honra, abnegação, trabalho e patriotismo que elle legou á sua terra.

Estas nobres virtudes doiravam-lhe a existencia com um brilho que jamais se empanou, não sendo por isto possível precisar qual o maior prestigio, porque elle tanto se impoz ao respeito e á admiração dos contemporaneos : se pela pureza immaculada de sua vida e pela dignidade imperterrita de seu carácter, igualmente acatado por adversarios e amigos, se pelo poder daquella palavra, ao mesmo tempo erudita e fascinadora, que fez vibrar o entusiasmo de tantas gerações, e nas academias, nos comicios populares, no recinto da representação nacional, era sempre ouvida entre aclamações, illuminando o espirito da mocidade, a consciencia do povo, e a razão do legislador, como se fôra o proprio genio da eloquencia, demonstrando a verdade na sciencia, a força e o direito na soberania popular, a paz e o futuro na maior liberdade do cidadão e na completa emancipação da Patria !

Este admiravel conjuncto de virtudes e de faculdades é que fizeram de José Bonifacio o que elle foi em vida—uma das melhores forças de nosso mundo politico com a qual os governos e as opposições careceram sempre contar—sendo indefectivelmente encontrado nas horas mais difficéis e angustiosas ao lado das grandes causas nacionaes e das liberdades publicas, esquivando-se modestamente ás honras do triumpho, quando vencedor ; mas vencido, reunindo novas forças para outros combates—com a fé invencivel e renascente d'um apostolo !

A historia ensina que as victorias da liberdade e do progresso politico dos povos são definitivas, imprescriptiveis, eternas; infelizmente não são por igual frequentes ; e já por essa lei fatal da civilisação humana, já porque em seu ardente amor do povo e em sua inabalavel confiança nas expansões da democracia e no desenvolvimento cada vez mais largo dos principios liberaes, uma conquista feita nesse interminavel terreno valialhe de incentivo para novas conquistas, foi, quasi sempre, longe dos conselhos do governo, foi quasi invariavelmente, no lugar de representante do povo, que José Bonifacio viveu em serviço do paiz.

Neste posto elle foi o adversario intransigente e athletico de todas as medidas reactoras, de todas as leis compressivas, de todas as reformas deficientes, de todas as combinações viciosas, tentadas em nossa administração e em nossa politica.

Neste posto, quando se lhe depararam os ensejos, elle foi o defensor infatigavel e herculeo das reformas que lhe pareciam destinadas a melhorar a sorte do povo, a ampliar as ga-

rantias do cidadão, a augmentar o patrimonio nacional e a dar maior lustre á civilisação patria!

E' assim que, se não tem seu nome assignado grandes reformas sociaes e politicas, nem por isso seu ascendente terá sido menos fecundo, sua acção menos benefica, sua influencia menos sentida, em todo esse periodo de nossa historia contemporanea, que elle tão grandemente illustrou com o fulgor de seu talento, com a pureza de sua fama e com a luz exemplificadora de seu patriotismo!

Sua força provinha, tanto da fé que inspirava pela rectidão intransigente d'uma alma inaccessible á corrupção de qualquer especie, pairando sempre na mais elevada esphera do pensamento e do sentimento humano, quanto do prestigio desse privilegiado talento e dessa eloquencia inextinguivel que, em vida, o tornaram o mais denodado paladino de todas as grandes causas liberaes agitadas em seu tempo. E, seguramente, não é menos util no presente, nem menor perante a historia o lugar desses varões notaveis pelo poder de seu talento e pela virtude classica e modeladora de seu character, que o d'aquelles que de outro modo nobilitam-se—passando á posteridade seus nomes, em grandes medidas sociaes e nas reformas administrativas e politicas d'uma geração ou d'uma epocha.

Os oradores, que tiverem de mostrar-vos em todas as faces o quadro da vida e do genio de José Bonifacio estudarão nelle o prosador, o poeta, o polemista, o jornalista, o orador, o jurisconsulto, o professor, e vos dirão a que alturas elle subiu em todas essas revelações multiplas de sua vasta e esplendida intelligencia. Cabe-lhes ainda referir-vos quanto primava em modestia, em simplicidade

de viver, em sensibilidade de coração, em ternura e compaixão para com os pequenos, os fracos e os opprimidos.

Deixae, pois, que de toda a vida do pranteado cidadão eu destaque, ante vós, em breve mas rapido relevo, apenas a ultima phase de sua carreira, aquella em que a morte de subito o colheo, como n'uma apothese, quando no pleno apogêo da glória e do talento elle votara-se todo á maior das causas á que seu espirito dedicou-se, aquella que seu coração mais profundamente amou : a liberdade dos escravos.

Os acontecimentos, Senhores, deram-me nesse glorioso periodo da vida de José Bonifacio participacão que permittindo-me attestar quanto foi então heroico e extraordinario o valor de seu concurso, torna-me particularmente grato vir hoje aqui, nesta terra que elle tanto estremecia, quanto honrou, entre seus comprouvianos, que elle tanto prezava—quanto soube dignamente representar,—offerecer á sua memoria o culto immorredouro de nosso reconhecimento a seus incomparaveis serviços, e de nossa inalteravel fidelidade ao patriotico empenho a que ficou vinculado seu illustre nome.

Elle deixou pedindo ainda soluçãõ, orfã de seu mais strenuo representante, do seu campeão mais intrepido, do seu mais eloquente propugnador, a aspiracão patriotica, humanitaria e christã, em cujo serviço apagou-se-lhe a intelligencia, emmudeceu-se-lhe a voz, cerraram-se-lhe os olhos e extinguiram-se-lhe os dias!

E a despeito de seus esforços titanicos contra o colosso da escravidão que elle jurara derribar, —o symbolo de nossa nacionalidade continúa manchado por essa nodoa que nos constitue ex-

cepção unica e odiosa entre os povos christãos e livres deste seculo !

Emquanto, pois, o problema da abolição da escravatura permanecer, no Brazil, como a questão da maior actualidade de nossa politica, e assim será até á remissão do ultimo captivo, não haverá outra homenagem tão digna do benemerito brasileiro, quanto o proposito convictamente afiançado e firmemente cumprido de continuarmos todos na obra grandiosa a que elle sacrificou a existencia, com a sua mesma fé inabalavel na victoria definitiva da grande causa, e a sua mesma confiança nos destinos da patria purificada do estigma da escravidão !

Eis, Senhores, de que modo, não obstante a morte, teremos sempre vivo em meio de nós, exhortando-nos com o exemplo, animando-nos com a coragem, estimulando-nos com o genio, o grande espirito do dilecto filho desta nobre provincia.

Fazendo na Camara dos Communs o elogio de Cobden, no dia seguinte ao do fallecimento deste grande philantropo, Disraeli assim concluiu : « Resta-nos uma grande consolação quando reflectimos sobre perdas, como esta, immensas e irreparaveis,—é que estes grandes homens não nos abandonam inteiramente, continuando suas palavras e juizos a ser aqui constantemente citados e seus exemplos sempre invocados e seguidos. Entre os membros do parlamento alguns ha que, ainda quando d'elle excluidos, farão sempre parte da representação nacional, tão superiores são ás dissoluções, ás contingencias electoraes e até aos golpes da morte ! »

Tal, Senhores, o grande destino de José Bonifacio !

Não só no parlamento, mas em todo paiz, ha-de sua voz por longo tempo echoar ; seu exemplo fecundará ainda muitos commettimentos generosos ; a licção de sua vida aproveitará sempre a causa da liberdade em cujo serviço elle finou-se !

Assim o tem demonstrado esse unanime testemunho de dôr e de intenso pezar, com que por toda a parte a opinião, attestando, pelo modo mais honroso, sua vitalidade e seu civismo, ha pranteado essa immensa e irreparavel perda nacional.

Esta mesma imponente solemnidade outro alcance não tem senão o da mais expressiva affirmacção dos principios que inspiraram a vida do illustre patriota, e o da mais alta declaracção de vossa solidariedade com as doutrinas que elle defendeu, com as causas que elle abraçou, com as aspiracões e com as esperanças que elle nutrio !

Esta homenagem é digna de vós, e daquelle para quem já começou o juizo da posteridade !

Nenhuma outra poderia levar-vos mais !

Nenhuma poderia ser-lhe tão grata na gloriosa campa onde repousa !

Está aberta a sessão.



DISCURSO

DO

SR. CONSELHEIRO RUY BARBOSA

Senhores.

Morto, parece ainda maior do que vivo! dizia Henrique III, compassando com os olhos o corpo do duque de Guise. E' a mesma impressão que nos salteia deante desta sombra, enquanto procuramos calcular o que era José Bonifacio pelo que com a sua ausencia deixámos de ser, e tentamos medir o gigante pelo vasto rasgão sombrio, que o seu desaparecimento abriu no disco da patria.

Não se tracta, porém, Senhores, de tomar as dimensões a um tumulo. Quem aliás o poderia, quando, a cada momento, o coração cresce, e se entorna em lagrymas? Vive o homem de continuo no meio da morte, sitiado por ella de todos os lados, e não ha, todavia, nada tão inverosimil, para os que estremeceram uma creatura humana, como essa realidade funesta.

A resurreição não é privilegio da fé: não se deu sómente para o amor das mulheres de Galiléa, ante a grota funeraria do Christo, aberta e vazia.

Bem doces devem de ter corrido os dias áquelle, a quem ainda não se offereceu a provação de lutar, com a incredulidade pertinaz da affeição dilacerada, contra a evidencia de uma perda irreparavel ; e, ainda após essas resistencias e esses combates, muitas das almas menos fracas não se resignam á sobrevivencia, sem certo sentimento de vaga confiança n'uma illusão querida, que a piedade lhes entretem contra decepções successivas. Os moços, as mulheres, os crentes, os desventurados têm sempre os seus redivivos.

Parecem-nos a essas aves de grandes travessias, que seguem as náus de oceano em oceano, e vogam sobre as ondas em vastos grupos rumorosos, de onde algumas dellas, ás vezes, inesperadamente desaparecem, arrastadas pelo invisivel. Arrebatou-as o esqualo, que nunca mais as restituirá. Mas, no dia seguinte, ao nascer do sol, quando o bando dizimado levanta o vôo no espaço, que está elle escrutando, lá de cima, no fundo do horizonte? O barco, de que a noite o separara na vespera? Ou o albatroz perdido, que a vaga lhe roubara?

Emtanto, não vimos aqui reanimar com mãos religiosas, o lar apagado, nem verter a poesia da saudade sobre uma campa bemdicta. A imagem deste homem, nos corações com quem se repartiu a sua vida, não passará como tantas, de que disse o cantor das *Orientaes* :

*Qui peut savoir combien toute douleur s'émousse,
Et combien, dans nos coeurs, un peu d'herbe qui pousse,
Efface de tombeaux?*

Quando a natureza clemente estender neste sepulchro o frouxel verde e macio de lichen, como almofada para um coração que se partiu de muito amar, o musgo, que veste as covas de esperanza, não se nutrirá, na soledade, do orvalho das ncites indifferentes, mas da humidade de uns olhos fieis e da brandura de uns dedos assedados pela bondade, acariciando, na pedra, a fronte resfriada que ella abriga.

A esses tocam os ritos da familia e da amizade.

Nós vimos render-lhe a homenagem civica : vimos encostar o ouvido á sepultura ainda quente, e escutar o testamento da sua aspiração derradeira. Esta cerimonia augusta, sagrada, resume-se nisto : a evocação de um exemplo.

Se quizerdes contemplar a irradiação de uma estrella na sua pureza e serenidade, haveis de buscar por miradoiro um cimo elevado, ou as altas regiões calmas do equador, quando a atmospherica não fôr ondulada pelos ventos, e o astro pairar acima do horizonte. Então a intermittencia das scintillações, que eram effeitos atmosphericos, cessa de turbar-vos, e o foco esplendê resereno na quietude da sua limpidez. Assim a lição dessas existencias superiores não rebrilha sobre nós em toda a firmeza de sua claridade, enquanto não chegam á culminação definitiva na transparencia de além-tumulo e na paz divina da morte.

Ha, no systema do universo, astros sem parallaxe, a que as operações da nossa uranometria embalde tentam precisar o diametro, o volume, as distancias reaes. José Bonifacio pertence a essa região vedada ao rigor dos processos geometricos. Sabe-se que é um mundo de primeira grandeza, como Antares, ou Canopus; mas seu tamanho é incommensuravel, e ninguem numeraria quantas unidades parallacticas o separam da ordem vulgar, no systema em que se movem os nossos interesses. O espectro estellar, podeis tirar-lh'o, se buscardes a intuição geral de sua vida na unidade sublime do seu fim. Mas, se fechardes os olhos, e procurardes, fóra das impressões de hoje, na retina ainda deslumbrada, a imagem luminosa da vida que hontem se refrangia em manifestações tão diversas, julgareis assistir ao capricho de um devaneio de fadas, como se vos passasse por baixo das palpebras ora a poeira celeste de uma nebulosa; ora as vibrações de um astro multiplo, com os seus dias rubros, as suas noites esmeraldinas, as suas auroras

azuladas¹; ora o rolar de uma pedraria de sóes cambiantes, desde o granate e o rubi até o topazio, a saphira e a opala das estrellas coloridas.

Se, nesta individualidade, havia um só homem pela integridade moral, que é a conciliação suprema entre as variações da nossa contingencia, muitas eram as vocações facetadas na transcendencia desse talento.

Poeta, orador, mestre, estadista, lidou com a sociedade de seu tempo pelos orgams de relação mais sensiveis que ligam o homem á vida intellectual, na civilização coetanea: pelo ideal, na lyra; pela eloquencia, na tribuna; pela mocidade, na cáthedra; pela controversia, na imprensa; pela politica, no parlamento. Todos os logares que occupou, rutilam ainda hoje da luz deixada por elle. Assim essas radiosas povoadoras do espaço ethereo, cujas distancias se medem por milhares de milhões de raios terrestres, se um cataclysmo da creação inteira podesse apagal-as, afogando em noite impenetravel o céu e a eternidade, continuariam, todavia, depois de extinctas, a ser vistas por nós durante myriades de gerações.

Discipulo, como fui, de José Bonifacio, seria orgulho se não fosse gratidão, vaidade, se não fora dever, dar-vos aqui testemunho do seu magisterio. Foi em 1868, quando comecei a ouvi-lo. Vinha elle dessa memoravel sessão parlamentar, em que a omnipotencia da coroa, por imperscrutavel mysterio de sua graca, houve por bem, depois de Humaytá, victimar á reabilitação de Timandro o partido de cujas sympathias populares o dynasta se valera para a campanha do Prata. Quando José Bonifacio assomou na tribuna, tive pela primeira vez a revelação viva da grandeza da

¹ « Les étoiles doubles, très souvent, ont des couleurs différentes et complémentaires: l'imagination même d'un poète serait impuissante à nous exprimer les phases d'un jour éclairé par un soleil rouge, avec une nuit illuminée par un soleil vert, d'un jour où deux soleils de différentes couleurs rivaliseraient d'éclat, d'une nuit précédée d'un crépuscule doré, suivie d'une aurore bleue! »

LE P. A. SECCHI: *Les étoiles* (Par., 1879), tom. II, pag. 69.

sciencia que abraçavamos. A modesta cadeira do professor transfigurava-se ; uma espontaneidade esplendida como a natureza tropical borbulhava dalli nos espiritos encantados ; um sopro magnifico animava aquella inspiração caudal, incoercível, que nos magnetizava de longe na admiração e no extase. Lembra-me que o primeiro assumpto de seu curso foi a *retroactividade das leis*. Nas suas prelecções, que a hora interrompia sempre inopinada como dique importuno, a summa philosophia juridica, a jurisprudencia romana, os codigos modernos, a interpretação historica, o direito patrio passavam-nos pelos olhos translumbrados em quadros incomparaveis, inundados na mais ampla intuição scientifica, impellidos por uma dialectica irresistivel. E uma memoria miraculosa, uma desás memorias capazes de reconstruir, como a de Scaligero, a *Illiada* e a *Odysséa*, como a de Macaulay o *Paraiço Perdido*¹, como a de Pascal tudo o que elle tivesse lido uma vez, arrastava em catadupa leis, datas, factos, brocardos, algarismos, idéas, fragmentos minimos de minerio precioso e enormes massas alluviaes de saber, que não se imagina como aquelle Niagara pudesse carrear sem alteração de sua magestade, nem prejuizo de sua limpidez.

Que vos direi do orador ? Sua eloquencia creio que nunca encontrou negadores. A nevoa, de que alguns a increpavam, poderia semelhantemente arguir-se ás mais lucidas manifestações da natureza: chega mesmo a ser, nos grandes quadros do universo, condição necessaria da diaphaneidade e da luz. Nas telas de Turner, cujo pincel debuxou «o Apocalypse do firmamento²,» os quadros mais formosos pela intensidade dos raios solares e pela serenidade da abobada azulada, nas altas regiões celestes onde habitam os cirrus, acima das maiores altitudes européas, é da distribuição das nuvens superiores que recebem a graça,

¹ G. O. TREVELYAN: *The Life and Letters of Lord Macaulay*, vol. I, c. I.

² RUSKIN: *Modern Painters*, 6th edit. vol. I, pag. 218.

a expressão, os contrastes artisticos da verdade. Imaginae um lance de serros alpestres, quando o dia surge dos espigões alcantilados, os grupos collossaes de sombras que rolam para o oriente, vão abysmar-se no oceano crepuscular, as geleiras serpeiam, alvejando pelas escarpas, os picos solitarios, inflammando ás primeiras resteadas de sol os cabeços de neve. accendem abaixo de si uma alvorada no cimo de cada penhasco, o nevoeiro se evola das avalanches, e o rosicler dos longes silenciosos afoga-se na purpura do horizonte, incendio immenso, por entre o qual se esfumam as brumas da voragem, enquanto as cataractas rebramam no fundo dos algares, e o azul infinito sorri contemplativamente de cima. Dir-se-ia haver, em certas almas extraordinarias, paragens como essas, de onde se despenhava, a palavra de José Bonifacio, a bater de fraguedo em fraguedo, a estrugir de quebrada em quebrada, a chispar de aresta em aresta, a iriar-se de raio em raio do sol, até se espriaiar, estuando, na immensa bacia de sua foz.

*Monte decurrens, velut amnis imbres,
Quem super notus aluere ripas,
Fervet, immensusque ruit profundo
Pindarus ore.¹*

Censores ha, que lhe improperam excesso de imaginação. A mim taes severidades se me affiguram como as de quem pretendesse corrigir os esplendores da criação pelas regras de arte dos salões de pintura. Haeckel, um dia, viandando pela India, quedou-se assombrado ante a magia de um arrebol : um brazeiro de carbunculos ateiado pelo sol poente nos rochedos de Merissa, um céu de desmaiado verde com os mais bellos matizes da aurora, os leques viridentes dos coqueiros ondeando á aragem da tarde, um mar glauco de tons violaceos, harmonia soberba de côres tropicaes, como o grande naturalista nunca admirára, e que se deu

¹ HORAC.

pressa em fixar num esboço. Mas, pergunta o celebre professor de Iena, «que diriam os nossos criticos das exposições de quadros de Berlin? Que pensaria essa multidão sapiente, que condemna paizagens por vistas em demasia, quando a vivacidade das tintas e a plenitude das fórmulas as dessemelha das que nos depara a nossa pobre Allemanha do Norte?»¹

Em José Bonifacio o jornalista era um athleta de musculos de aço. Seus defeitos foram os da sua exuberancia victoriosa, inexaurivel, infatigavel: *di parlar largo fiume*. Protheu singular, não houve nada, na escala da imprensa litteraria e da imprensa combatente, que lhe escapasse: desde o folhetim até o editorial, desde o epigramma de circumstancia até os largos assumptos administrativos, desde o humorismo até a indignação, desde a facecia até o stygma, desde a escaramuça ligeira até as grandes cargas de guerra campal. Bem presentes me são ainda os dias gloriosos do *Ypiranga*, órgão liberal então nesta provincia, quando elle empunhou o latego mais formidavel que já ouvi estalar nas luctas da publicidade, contra um valido da casa imperial, brindado com o governo de S. Paulo.

Outros experimentaram depois esse açoitado sublime, entretecido de Juvenal e Tacito; e não sei se sabiram menos mal feridos. Persuado-me, porém, que nunca lhes ha-de esquecer essa loira physionomia de Nazareno, com a aureola da pureza na frente e o faguhar da colera nos olhos azues.

O poeta? Quem poderia estudar aquella notabilidade, sem deter-se, momentaneamente ao menos, com o poeta? Se Socrates empregou a ultima parte da sua vida em purificar-se da macula de haver desobedeido á voz interior, que não cessara jámais de segredar-lhe: «Dá-te ao trabalho e á harmonia»², em José Bonifacio a harmonia foi a musa assidua de uma exis-

¹ HAEKEL: *Lettres d'un voyageur dans l'Inde*. Trad. par Ch. Letourneau. Pag. 309.

² PHAEDO, II.

tencia de labor indefesso. Natureza essencialmente sympathica, não lavrava a poesia como artefacto : vivia-a.

O fundo de seu coração era de uma brancura immaculavel e ineffavel sensibilidade. Não lhe faltou nem a invenção, nem a percepção, nem a emoção, que formam os grandes moduladores da idealidade humana. Tinha pela natureza, grata, leal¹, inexgotavel para os seus amigos, a ternura de um noivado perenne, os estremecimentos reconditos d'alma, «quando se alliança ao universo bondosissimo em consorcio apaixonado e santo.²» A's vespervas do passamento, o seu anhelto de fundir-se na vida universal desferia-se em notas de infinita suavidade :

*A natureza inteira abre-me o ninho.
O' Deus de amor, ó Deus da criação,
Prende minha alma aos musgos do caminho,
Derrete-me no espaço o coração.* ³

Aos seus olhos, pois, não encerrava terrores o arcano eterno que nos envolve,

Le Pan mystérieux, insoluble problème.

A morte não lhe apparecia como intrusa de máus presagios, que viesse dissolver esses esponsaes, separar o amante e a amada, interpor-se ao poeta e á vida. O que ella vinha, era perpetuar as nupcias sob outra fórma. Não se lhe apresentava como a mascara da Górgona, que coagula o sangue nas veias, mas como o

¹ Nature never did betray
The heart that loves her.

WORDSWORTH: *The Wye.*

² When wedded to this goodly universe
In love and holy passion.

WORDSWORTH: *The Excursion.*

³ J. BONIFACIO: *Aspirações.* (*Semana*, n. 96 de 30 de outubro de 1886.)

alvor do dia novo, talvez feliz, tocando com a ponta das plantas o cimo niveal da montanha. ¹

Entretanto, na sua poesia, as maiores vibrações foram porventura as da corda patriótica. Elle poderia ter escripto para seus filhos o mesmo testamento que aquelle outro poeta, consagrando-os á patria :

*Si vous voulez dans votre cœur,
Quand mes os seront sous la terre,
Sauver ce que j'eus de meilleur,
Garder mon âme toute entière...*

*Aimez, sans vous lasser jamais,
Sans perdre un seul jour l'espérance,
Aimez-la, comme je l'aimais... ²*

De envolta com esses cantos epicos, de um lyrismo profundo e heroico, deixa elle esparsas uma infinidade de creaçõesinhas gentis, melodiosas, perfumadas: joias de espirito dignas de Heine, mimos de doçura dignos de Copée, sonetos de uma crystallização classica, violetas solitarias entre a musgoza alcatifa das pedras³, maravilhas de filigranna, brincos de cinzel, pontas de azas impalpaveis, chilreadas de passaros, sons de gargantas argentinas, um phantastico thesoiro derramado de gemmas, caricias, gorgeios e aromas.

Deixemos, porém, o poeta volver, nos elementos esparsos do seu genio, á circulação incessante da vida, animar outros organismos, fecundar novas transformações.

¹ Jocund day
Stands tiptoe on the misty mountain tops.

SHAKESPEARE: *Romeo and Juliet*, a. III, sc. V.

² VICTOR DE LAPRADE: *Livre d'un père. La France.*

³ A violet by a mossy stone
Half hidden from the eye!
Fair as a star, when only one
Is shining in the sky.

WORDSWORTH.

Emquanto elle se reabsorve na creação como a neblina se dilue no anil das profundidades celestes, —os scismadores, que o deploram, inclinando-se sobre si mesmos, embalem a sua saudade na tonadilha de Ariel, ciciada ao rythmo das vagas, que vão e vêm á riba-mar : «Muitas braças de fundo o encobrem ; seus ossos fizeram-se coraes ; perolas, seus olhos. Não pereceu nada : transformou-se em raridades e gemmas do thesoiro marinho. De hora em hora dobram por elles as naiades.» ¹

Entre nós a vocação litteraria, em geral, é suspeita aos homens que fazem profissão da carreira publica.

Suppõe-se ser a politica a contradicção do bello, como o tem sido, neste paiz, da verdade e do bem : uma especie de divindade gaga, semi-mouca e myope, protectora do daltonismo e da surdez, inimiga da harmonia, do colorido e do bolicio da vida, affeiçãoada ás almas sem capacidade esthetica, sem instinctos desinteressados, sem ondulações sonoras : uma combinação da esterilidade dos steppes com a taciturnidade das paizagens de Java, onde as aves não cantam. Reformaria, se lh'o permittissem, a creação, forando de lá o espaço, e caiando a natureza de ocre.

José Bonifacio era a anthithese desse typo. O ideal transbordava delle. Comtudo, não se poderia dizer que pertencesse genuinamente a «essas racas sonhadoras, que se gastam em cata do ideal.» ² Na-

¹ Full fathom five thy father lies;
Of his bones are corals made ;
Those are pearls that were his eyes:
Noth of him that doth fade.
But doth suffer a sea-change
Into something rich and strange.
Sea-nymphs hourly rings his knell:
Hark ! I hear them:—ding-dong, bell.

SHAKESPEARE: *The Tempest*, a. I, sc. II.

² RENAN: *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, c. (Paris, 1883), pag. 20.

quella indole vivaz em todas as suas disposições, não era menos prompto do que a faculdade poetica o senso da realidade. Homem, a um tempo, de contemplação, vontade e acção, dir-se-ia haver escripto para divisa sua aquelle seu verso do *Redivivo* :

Meu braço é raio, o coração muralha.

Democrata, progressista e liberal de nascença, tinha o enthusiasmo da lucta pelo futuro, e nunca hesitou em arriscar a sua pessoa no combate peito a peito contra os interesses enthronizados de sua epocha. Não era o vate, a quem se dissesse :

Ton rôle est d'avertir et de rester pensif ; ¹

mas o lidador infallivel nas pelejas decisivas ; e o seu vulto bem depressa ficou sendo, aos olhos da mocidade, a encarnação mais fascinadora das idéas liberaes.

Entre as reminiscencias do meu curso juridico nesta cidade, nunca se me desfará da lembrança a recepção com que o acolheu, depois do golpe de estado de 16 de julho, a juventude academica de 1868, em um banquete politico de grandes proporções, que assignalou data na memoria de quantos o celebrámos ; Joaquim Nabuco, o futuro orador do abolicionismo, ponto radiante que já se destacava na corôa solar do nome paterno ; Barros Pimentel, merecimento dos mais puros, envolvido tenazmente pela sua modestia em um casulo de sêda ; Martim Cabral, grande bólido fulgurante, que se perdeu no horizonte da tribuna brazileira ; Gavião Peixoto, um dos testamenteiros Moraes de José Bonifacio ; Salvador de Mendonça, o publicista do *Ypiranga* ; Americo de Campos, o estoico ; Americo Braziliense, temperamento americano alienado para a republica pela rotina pervicaz da monarchia ; F. de Menezes, um folhetim vivo, o bohemio da

¹ V. HUGO: *Châtiments*, IV, II.

esperança, o fundador da *Gazeta da Tarde*; Castro Alves, o poeta dos escravos. José Bonifácio teve allí palavras commovidas, que se phonographaram no espirito dos ouvintes: «Os combatentes de hoje», dizia, «são as aves já em meio do caminho, poisadas nos ramos seccos da floresta. A mocidade é o futuro, as andorinhas em busca da primavera e da luz.» E Ferreira de Menezes de atalhar :

—«A luz é v. exc.»

E o foi até o derradeiro dia.

Aos seus biographos incumbe a apreciação do laborioso periodo entrecorrido até essa data desde junho de 1861, quando elle estreiou na camara dos deputados, adversando o gabinete 2 de março, em uma resposta a Silva Paranhos, ministro da fazenda.

Esse discurso era já um programma : libertação do voto, disseminação do ensino, autonomia dos municipios, moralisação da judicatura, infamada pelas cumplicidades partidarias, reformação das leis do processo, restauração do trabalho, supprimido pela guarda nacional, liberdade de movimento para as provincias na ordem administrativa. Os menores discursos seus deixavam no parlamento vivos sulcos. Quem não se tiver achado, uma vez sequer, sob a varinha do magico, não poderá calcular a força electrisadora de sua palavra. Impresas, as suas melhores producções oratorias distinguem-se, e esmorecem como diamantes em camara escura ; falta-lhes o homem, o orador, a refracção prismatica daquella alma, uma especie de transfiguração, que petrificava os antagonistas, e arrebatava o auditorio a alturas desconhecidas.

Pugnou galhardamente pela representação das minorias, pelo character ministerial do poder moderador, pela liberdade de costeagem.

Na reivindicação deste principio liberal teve o grande orador um dos seus mais felizes dias na tribuna, ao lado de Tavares Bastos, cabeça que commensurava todas as questões do nosso futuro.

*Alma gigante em corpo de creança.*¹

¹ J. BONIFACIO: *Primus inter pares.*

A' burla que se chama *nacionalização do commercio*, ao sequito de preocupações e argumentos hypocritas, que pleiteiam por essa perigosa erronia, oppoz elle a mais anniquiladora defeza da verdade livre-permutista.

Não sei até que ponto este assumpto ainda fará palpar, hoje, entre nós, a fibra liberal. Quer-me parecer que, de presente, só os interesses do monopolio têm o bom senso de recuidar na importancia da questão. Quando elle ferir batalha em nome della, possam ainda restar, neste paiz, alguns vestigios dos antigos principios e alguns fieis á tradição liberal, se já nao cahiu de todo em desmemoria.

O mote insidioso de *protecção á industria nacional* vae explorando, sem embargos, a credulidade publica, não havendo quem se occupe em assignalar o embuste da mentira proteccionista, que, emquanto no continente europeu se propõe a proteger os industrialmente fracos contra os industrialmente fortes, o trabalho russo contra o trabalho allemão, a produccão d'Allemanha contra a produccão ingleza,—na União Americana, no Canadá, na Australia, inversamente, se destina a beneficiar os mais fortes contra os mais fracos, o salario opulento contra a invasão da actividade barata.¹

Ao passo que, nos Estados Unidos, o *tariff-system* perde terreno de dia em dia, aqui forcejam de polir outra vez a antigualha futil de que o exemplo da Inglaterra não nos aproveita, porque somos uma nacionalidade nascente, é sob a protecção que os estados accumulam fortuna, para se poderem dar, mais tarde, ao gozo amplo da liberdade. Não, senhores, a liberdade não é um luxo das nações enriquecidas: é, pelo contrario, a condição originaria de toda a riqueza.

A só differença, a tal respeito, entre as nações velhas e as novas está em que estas, não possuindo cabe-

¹ FR. A. WALKER: *Text-book of Political Economy*. (Lond. 1885,) pag. 395 e segs.

dal de experiencia propria, a unica efficaç, entre povos e individuos, contra certos desvios do senso commum, propendem, como é usual entre moços, a menosprezar os fructos da observação alheia, e, mais accessiveis, portanto, a sophismas de que outros á sua custa já se desilludiram, cuidam seguir os dictames de uma razão mais alumiada, consultar intelligentemente a propria consciencia, e dar copia de superioridade em relação a erros triviaes, quando não fazem senão servir a interesses de classes, grupos, ou occasiões, que lhes exploram a ignorancia, a timidez, ou o amor proprio juvenil.

O pretexto de patrocínio ás classes laboriosas e á industria balbuciante, á sombra do qual aqui se reclama contra o estrangeiro (quando vem a ser *contra o pai*) a cerceação das franquezas commerciaes, é rigorosamente o mesmo, que se articula, para reprimir, ou vedar a immigração em Melbourne, em Nova Galles, na Victoria, onde ella, em consequencia dessa propaganda, se acha limitada, ou suppressa¹, em obsequio ao nacionalismo de uma democracia proteccionista.

Se a concurrencia não é o principio inviolavel,— depois de sacrificardes a liberdade de importação á cobiça do industrial, haveis de sacrificar a immigração á indolencia do trabalhador. Os dois monopolios são correlativos: a exploração proteccionista do consumidor pelo productor auctorizaria amanhã a insurreição anti-immigrantista do obreiro contra o capital.

Esta solidariedade do mal é inevitavel. As providencias artificiaes com que o protecционismo fomenta a carestia a beneficio da grande industria e da grande propriedade, não são absolutamente mais justas nem de outra natureza que os obices legislativos, com que as classes inferiores, em paizes

¹ HUBNER: *À travers l'empire britannique*, (Paris, 1886), tom. I, pags. 295, 322, 324.

democratizados até a medulla, promovem a exaggeração do salario em proveito do braço nacional.

Liberal moderado, como, naquella epocha, José Bonifacio costumava classificar-se, não recuou, todavia, ante o direito de revolução, de que, em 1861, pronunciou a mais vigorosa apologia, honrando-o como «o principio em cujo nome existe a ordem politica no Brazil.»¹ Inclinemo-nos, senhores, deante desses tempos, em que as palavras symbolicas do nosso dever vulcanizavam a tribuna, e transportavam as almas. Essa *ultima ratio* da dignidade humana contra a oppressão não prescreve pelo silencio, nem pelo desuso immemorial. As maiorias ministerialitas de Carlos X escarnicavam, quando espiritos altivos e puros como o duque de Broglie vingavam essa suprema soberania que a realza pretendera amordaçar nos labios de Manuel: «Esse direito de contar o homem consigo mesmo, e medir a sua obediencia pela justiça, pela lei, pela razão, é o nosso patrimonio commum; é o apañagio da creatura que sahio livre e intelligente das mãos do creador; e, porque existe imprescriptivel, inexpugnável no seio de cada um de nós, é que reside collectivamente na sociedade: delle depende a honra de nossa especie.»²

José Bonifacio foi monarchista. Não sei dizer se até os seus ultimos dias continuou a encarar o throno como em 1861, quando via nas provincias do imperio uma familia de «irmãs egualmente desveladas em amor estremecido á monarchia.»³ Não creio que a fidelidade monarchica de sua cara provincia lhe inspirasse essa confiança, mesmo após a recente excursão imperial, de cujas primeiras festas elle ainda ouviu o rumor. Elle discernia, de certo, a espuma que se alvoroça á flôr d'agua, das camadas profundas, por onde passa a corrente submarinha, que modifica a physionomia da terra e os climas do céu.

¹ Discur. em 25 de ju. de 1861.

² DUC DE BROGLIE: *Souvenirs*. Vol. II (Par., 1886), pag. 353.

³ Disc. de 28 de jun. de 1861.

Ha um quarto de seculo, todo o nosso mal, a seu vêr, tinha origem na degradação ministerial e na degradação parlamentar. ² Causas intermediarias, bem vedes, que não excluem, que presuppõem, até, uma causa superior. Mas, espirito flexivel á realidade, alheio ás utopias progressistas como ás utopias revolucionarias, não podia receber impunemente, durante annos tão longos, o influxo do meio que o cercava.

Era uma indole de grande plasticidade politica e essencialmente evolutiva. «Eu consulto os symptomas», dizia elle no seu discurso de iniciação, «entro nos caminhos que se abrem, e onde me precedem as gerações do meu tempo. Não mudo, senhores, senão porque tudo mudou : os partidos como as idéas, as idéas como os sentimentos, os sentimentos como os costumes.» ¹

De então a esta parte vae o largo transcurso de uma geração : os caminhos e os symptomas estão longe de ser exactamente os mesmos.

Até onde a democratisação crescente de S. Paulo chegaria a reflectir-se no animo do maior de seus filhos, não poderíamos conjecturar. Estou certo, porém, de que a repercussão, mais ou menos extensa, fôra inevitavel, se a morte não lhe cortasse tão cedo o fio dos annos.

Elle não alimentava prevenções fundamentaes contra a republica. Duvidava da importancia das formas exteriores ; sabia que ha depravadissimas republicas e monarchias excellentes ; via, sob constituições liberrimas, perfeitas autocracias ; encontrava inscriptas na cathegoria das republicas as administrações mais oppressivas ; não descobria ainda no povo o sentimento de sua miseria, a consciencia do seu direito, a deliberação de firmal-o. Não enxergava, pois, motivos concludentes, para modificar o rumo. Um distico republicano pôde ser improviso instantaneo de uma rapida convulsão nas grandes capitaes ; mas uma

¹ Disc. de 28 de jun. de 1861.

² Disc. de 28 de jun. de 1861.

nação republicana nunca será senão resultado de causas tão complexas, quanto as que operam as mutações geológicas no centro do planeta. Não basta confessar a fé de republicano : difficil é o saber sel-o.

Homem de estado, José Bonifacio, quando se convertesse, não seria por essa especie de indistincto enlevo, que para muitos fenece em arrependimento. Chateaubriand dizia, em 1848, a Beranger : «*Eh bien ! Votre république, vous l'avez.*» — «*Oui, je l'ai*», respondia o poeta, «*mais j'aimerais mieux la réver que la voir.*»¹

Diz-se que, no Brazil, por providencial mercê, a republica logra a fortuna das sympathias imperiaes. Tambem Luiz Felipe, em 1830, affiançava-se tão republicano quanto Lafayette. E, quando este redarguia : «O que eu quero, é um throno popular, rodeado de instituições republicanas.» — «Tambem assim o entendo eu,» revidava elle², com a coroa quasi na cabeça. Sabe-se como republicanisou a França o filho de Felipe E'galité, em quem Lafayette, das sacadas do paço municipal, abraçára a *melhor das republicas*; preparando, por uma politica a que não tem faltado imitadores, a revolução de 1848. Reconheçamos, pois, que os mais activos elementos da transformação republicana nem sempre se encontram nas fileiras da milicia que a professa.

Não ha nada seguro nesta terra, da qual se poderia dizer, como Thiers da sua em 1852 : «Em França, não me fio em nada.»³ Antes de qualquer outra coisa, pois, o que os bons republicanos devem temer, é a fragilidade de sua obra. O imperio dissolveu tudo : é mister que a reorganização não se faça

¹ THUREAU DANGIN: *Histoire de la monarchie de juillet*, Vol. I (Paris, 1884.) pag. 8.

² *Ib.*, pag. 20.

³ N. W. SENIOR: *Conversations with M. Thiers, M. Guizot and other distinguished persons during the Second Empire*, Vol. I (London, 1878,) pag. 39.

do pó do imperio. A transição será sempre um risco temeroso ; e o receio della é, talvez, em muitos espiritos, o unico freio que os submete á monarchia. Somos um povo desaffeito a estribar-se em si mesmo, e costumado a procurar homens, genero de dia em dia mais vasqueiro. Mas ainda mais melindroso seria o dia immediato á transição. Sob Luiz Napoleão toda a gente murmurava em França : Isto não dura. «*Ça ne peut pas durer.*»¹ Entre nós não são só os republicanos que se enunciam assim ; e os que o sentem, não são só os que o dizem. Ora, se o que vier depois não incutir outra seguridade á nação, teremos apenas trocado as muletas da velhice valetudinaria pelo berço de um aborto, o que é ainda mais triste. O desengano fôra irregressivel ; e contra semelhante perigo a reserva de José Bonifacio me parece advertencia salutar. Fallo-vos, senhores, com a franqueza que vêdes, de um espirito estreme de superstições republicanas ou monarchicas.

Convençamo-nos de que *uma instituição não pôde ser melhor do que o seu instituidor.*²

Certifiquemo-nos do que o peor inimigo da democracia moderna, a democracia da razão, da experiencia e da utilidade é o fanatismo ou a pedantocracia dos engodos,³ das formulas, das panacéas heroicas.

Republicano sou eu, se minha patria o é ; porque essa eminente fórma de organização politica não pôde periclitar senão pela incompetencia das nações que a

¹ N. W. SENIOR : *Op. cit.*, Vol. I (London, 1878,) pag. 183.

² «No institution will be better than the institutor.» R. W. EMERSON: *Essays*. (Lond., 1885,) pag. 387.

³ «Popular government is no more free from catchwords and platitudes than any other political, religious, or social cause which interests a great many people, and is subject to much discussion.» JOHN MORLEY: *Sir H. Maine on Popular Government*. *Fortnightly Review*, febr. 1886, pag. 156.

experimentarem, sem se penetrarem della. Essa navegação depende mais da marinhagem que do barco. «A monarchia», diz Fisher Ames, «é um vaso mercante, que veleja bem, mas ás vezes acerta de bater em parceis, e sossobra; a republica é a janga que não se submerge, mas onde se mareia sempre com os pés n'agua.»² Todavia, não basta fluctuar; é preciso nortear-se. A sciencia e a arte podem muito pela nau alterosa; mas a sorte da balsa está no coração do jangadeiro. Ora, a arte e a sciencia adquirem-se; mas o coração é o que nossos paes nos herdaram, o berço nos deu, ou a educação nos fez.

Na orbita de José Bonifacio, cortada na maior força do seu movimento ascensional, o periodo meridiano principia em 1879, e finda na linha negra da morte, abalizando-se, na ampla trajetoria, quatro pontos de radiação mais intensos: a hostilidade ao ministerio Sinimbú; a dissensão do primeiro e a opposição ao segundo ministerio Saraiva; a calorosa adhesão ao ministerio Dantas.

Não vejo que a historia possa descobrir justificativa para o erro da primeira camara liberal, erro incomensavel, irresgatavel, innumeravel nas suas consequencias: o de não oppôr o seu *não* ao presidente do *Club da Reforma*, quando ousou dizer fito a fito ao seu partido que este *não subira pela força das suas idéas, mas pela fraqueza dos seus adversarios*.

Essa culposa condescendencia desbaratou em alguns mezes um decennio de conquistas liberaes, e degenerou na sua fonte a nova situação. Inventou-se, como empecilho á ampliação dos direitos populares na eleição, a clausula de reforma constitucional, contra as mais rudimentares noções de hermeneutica em voga até então entre os menos adeantados, convertendo a carta em muralha contra a democracia, em vez de se lhe offerecer como alveo, e suscitando contra cada

¹ EMERSON: *Essays*, pag. 477.

um dos artigos do compromisso liberal os estorvos de uma campanha sufficiente para estafar, em paizes como este, partidos e situações inteiras. Para cumulo de precaução contra a soberania do povo armou-se, ainda, a theoria da *constituente constituída*, isto é, da constituinte jungida ao *statu quo*, especie de solemnidade plebiscitaria, com o seu programma fixado pela legislatura que a convocava, o dictame de responder monosyllabicamente á interrogação da coroa e a sorte do seu voto á mercê do veto imperial.

Applaudo-me de ter oppugnado esse ministerio nas suas doutrinas, e recusado a minha assignatura aos seus projectos ; mas devo accusar-me de não me ter empenhado.

A inexperiencia, a sinceridade do meu respeito aos homens que eu vira commandarem o fogo dez annos, uma desconfiança natural de mim mesmo nos primeiros passos da vida de responsabilidade politica, explicam, sem excusal-a, uma incongruencia, em que nunca reconsidero sem tristeza. A José Bonifacio coube a ventura de indicar então o roteiro do dever. Nessa phase, toldada de auspicios sombrios para a situação incipiente, o seu espirito despediu immensos clarões crepusculares. Mas a cerração prevaleceu.

Nos circulos e na estreiteza do censo teve a reforma eleitoral de 1881 as duas chagas que hoje a cobrem. Graças a essas duas influencias, a representação popular bastardeou-se de degradação em degradação na escala da intelligencia e da moralidade politica, até o spectaculo de uma camara de prepostos e serventes, como a de 1886, uma camara *à tout faire*, cujas indecencias brutaes esbordaram a medida do enjôo publico, e acabaram de sepultar em lodo a reforma de 1881.

Nos debates que geraram essa lei, a parte de José Bonifacio é notavel, e offerece não pouca lição democratica a vindoiras reformas.

Com o ministerio 6 de junho amanhece no governo a edade abolicionista. Até esse tempo o abolicionismo lavrava na consciencia publica ; mas a pro-

priedade servil prelevava com poderio absoluto, acastellada no mundo official. O senador Dantas quebrou esse encanto formidavel, negando, no projecto 15 de julho, a propriedade-escravidão. A libertação incompensada dos escravos sexagenarios era em germen a emancipação gratuita de todos os escravos.

O principio da indemnização ficava repudiado para sempre, e rotos com elle os famosos titulos de senhorio da raça branca sobre a negra. Essa intuição illuminou em um relampago o futuro, e travou a pugna entre o odio e a esperanza. *Um nickel*, sequer, por cada velho, imploravam os inimigos do projecto; e deporemos as armas. Nem um real, diziamos nós, ou o principio está perdido. O gabinete ferira na cerne a arvore maldicta; a vibração metallica do ferro acordou os interesses adormecidos nas raizes seculares, e, ao gemer do borborinho subterraneo, o grande crime nacional sacudiu das ramarias sinistras, em cada uma de suas folhas, um veneno, uma colera, um espirito damnado. ¹ Não exaggero, senhores; porque toda a nossa historia, neste meio seculo, não registra orgia egual de más paixões desaçaimadas, scenas de furia, de demencia, de perfidia, como as dessa epilepcia organizada, que se desencadeou contra o governo abolicionista, desde os clubs secretos da lavoura até ás mancommunações de corredores, desde as villanias surrateiras até ás declamações apopleticas, desde as verrinas de antagonismo parlamentar até o sussurro das conspirações de porão, desde a babugem das lesmas subalternas até á esfuziada continua dos pelotões de mamelucos.

¹ Come d'autunno si levan le foglie,
L'una appresso dell'altra, infin che il ramo
Vede alla terra tutte le sue spoglie;

Similmente il mal seme d'Adamo
Gittansi di quel litto ad una ad una
Per cenni, come angel per suo richiamo.

DANTE: *Inf.*, III.

O ministerio iniciador estava fadado á ruina : «o primeiro que ergue a mão contra abusos, é sempre victima do serviço que presta.» O liberalismo official abarreirou-se nas senzalas, de envolta com a turba-multa conservadora. Preparava-se assim para ser d'ahi a pouco o decifrador do problema abolicionista pela nova incognita libera!

As eleições subseqüentes á dissolução foram celebradas sob a influencia da força moral incalculavel, que a coroa deu ao escravismo, guardando á vista o ministerio, embaraçando-lhe até o direito de pulsar-lhe o coração unisono com o dos batalhadores da sua idéa, e não lhe deixando liberdade, senão a do mal involuntario aos seus amigos, pela posição contrafeita e vigiada, em que o immobilizava o zelo imperial pelos desprotegidos senhores de homens. As raivas ferozes desse interesse omnipotente modulavam-se aos ouvidos do throno como arrulhos de pombas, *genitus columbae*, queixas da innocencia, endeixas de avesinhas engeitadas, suspirando pelo manto de defensor perpetuo, que as acaridasse contra a lufada portadora da esperanza dos escravos. O jornalismo escravista explorava essa enfermidade, colorindo todas as manhãs, em bolhas de sabão, para alimento da real sollicitude, romances de candidaturas officiaes. A omnipresença da vigilancia imperial tinha um olho aberto sobre cada inspector de quarteirão, e os telegrammas fatidicos esfuzilavam pelo paiz em todos os sentidos. Contudo, as urnas deram vencimento ao ministerio abolicionista.

Mas a reacção conhecia onde estava a sua força e a insegurança do gabinete. Todas as candidaturas africanas deviam ser liquidas, porque representavam milagrosas victorias contra a pressão administrativa; as candidaturas libertadoras, sem excepção, eram suspeitas, como creações da interferencia ministerial. Cada abolicionista era um réu; cada negreiro um juiz. As commissões verificadoras, o mecanismo do regimento, a dubiedade de amigos vacillantes consummaram a catastrophe.

Um incidente desprezível offereceu á avidez o pretexto, em algumas palavras desrespeitosas ouvidas, á porta da camara, por um deputado ministerialista até esse momento. A moralidade do regimen constitucional (ficou estabelecido por esse precedente) exige que os gabinetes sejam responsaveis pelas manifestações pacificas de indignação do povo, habituaes em todos os governos, desde os mais democraticos até os mais ferrenhos¹, contra os representantes, justamente impopulares, de causas immoraes e odiosas. Um voto de desconfiança, justificado pelas assuadas de que o governo não soubera preservar, na rua, aquelles que não faziam senão por merecel-as, intimou ao imperador a exoneração do gabinete. Sua Magestade subscreveu; entendendo que essa moção sem parilha nos annaes do ridiculo politico espelhava realmente os sentimentos da nação, e que esses desabafos inoffensivos do descontentamento popular, impunes quando ferem um Wellington, um Gladstone, um Bismark, um Cavour, um Thiers, um Gambetta, o estadista da terceira republica, o libertador do territorio francez, o creador da Italia, o unificador da Allemanha, o Titão

¹ Aqui está, por exemplo, o que occorria em França, no anno de 1820, sob Luiz XVIII:

« Para chegar em seus vehiculos á camara, atravessavam os deputados multidões compactas, que coalhavam a praça da Concordia e a do Paço Bourbon, subindo muito além pelas Tulherias, pelos caes e boulevards. Acolhiam-n'os surriadas, ou applausos, segundo a natureza dos grupos que se lhes iam deparando, grupos em que os mais acalorados eram, de uma parte, a mocidade das escolas, da outra, os guardas e officiaes da casa real, vestidos á burgueza. Não tardou que esses grupos chegassem uns contra os outros a vias de facto, nas quaes bem aquinhoados foram os deputados, que entravam, ou sabiam. Interveio a força publica, que tambem procedeu violentamente; e, como sempre acontece, a violencia foi cega, perecendo um joven estudante inoffensivo. D'ahi em diante, dentro e fora da camara, tudo era tumulto. Nos ultimos dias do debate, metade de cada sessão se reduzia a gritos, vociferações, recriminações e invectivas furiosas. Cada deputado narrava, da tribuna, o tumulto da vesper, reclamava desaggravo dos insultos, e chamava a contas o ministerio inteiro.» DE BROGLIE: *Souvenirs*, tom. II (Par., 1886), pag. 140.

da causa irlandeza, ou o vencedor de Napoleão, deviam ser caso de patibulo, aqui, por aresto exemplar, quando a offensa tocava aos orgãos de um interesse rasteiro, empenhado em matar uma reforma, sem discuti-la, por um mecanismo de trápolas, e aos melindres de uma camara que a historia emparceirá com o *Rumpf* de Cromwell, com o *parlamento pensionista* de Carlos II, com a *chambre introuvable* de Luiz XVIII.

Uma expressão do honrado presidente do ministério 6 de junho, que ora preside esta assembléa, expressão apanhada com soffreguice pelos seus adversarios, dera curso á hypothese de um *pacto* abolicionista entre a corôa e aquellé gabinete. Mas semelhante supposição devemos tel-a por inveridica, por não se poder admittir que os reis falem aos seus pactos. Já no correr da eleição o ensombro da corôa não cobrira o abolicionismo: fora, pelo contrario, homisio dos escravistas. E, quando a camara das corrimaçãs, que não representava a nação legal, mas a conspiração depuradora, notificou ao poder moderador a exauctoração do gabinete, por não ter sabido ser o esbirro protector de deputados malquistos ao povo, a corôa transgrediu as leis mais notorias do governo parlamentar, acceitando de um parlamento que fora convocado para julgar o projecto 15 de julho, e eleito explicitamente com esse fim, um voto, que era uma evasiva, que era um subterfugio, que era uma covardia, que era um repudio do dever, que era uma sonegação do mandato. Esse ajuntamento politico estava dissolvido pela fuga. Entretanto, o poder moderador, cuja funcção, neste regimen, era defender a nação contra essa expertise illicita, entregou a causa abolicionista, de pés e mãos atadas, ao conciliabulo da Cadeia Velha.

Senhores, sou dos que entendem que *toda a verdade é boa de saber-se*; mas não creio annunciar verdade nova, affirmando-vos que a vontade do imperador, alternativamente negada e confessada por todos os partidos, é a unica realidade permanente e invencivel neste paiz.

Somos o avesso da Inglaterra, onde uma reforma-revolução, como a de 1832, prevalece contra a grande propriedade, contra o pariato, contra as apprehensões do rei, contra restricções, até, de membros do gabinete¹; porque a nação a quera. Do príncipe que nos governa, a posteridade fallará como Thiers de Luiz Felipe, em certa pagina dos seus colloquios com um celebre escriptor inglez: «O grande erro de sua vida foi não se ter conformado jamais á posição de rei constitucional. Carece o governo constitucional, para funcionar, de que os poderes se equilibrem. O rei e as camaras estão como passageiros de um barco a evitar que este aboline. Se de um ou outro lado elle aderna, é certo o sossobro. Ora o rei não sabia quedar-se; a cada momento não se continha, que não deixasse o seu posto, para empunhar o leme»; o que levou Thiers a predizer-lhe o naufragio do throno em alguma crise ministerial. O presagio verificou-se ponto por ponto. O successor de Carlos X comprazia-se nas crises, «que afagavam o seu gosto pelo poder e pelo enredo». Era seu fito, na organização dos ministerios, compol-os de tal fraqueza e tão heterogeneos, que os podesse menear como instrumentos. Nada o contrariava tanto, em um gabinete, como a velleidade de proceder em antagonismo a elle, ou sequer á sua revelia. Costumava erguer o pollegar, dizendo: «Eu sou este; os outros quatro sois vós; e, em negocios intrincados, aquelle que tem seu ponto feito, ha-de supplantar sempre os demais.»² D'zei-me agora vós se esse *dedo grande* é, ou não, na politica brasileira, o *dedo da Providencia*?

Quando o ministerio 6 de junho deixou o poder, houve um movimento de resfolego entre escravistas e conservadores.

O *projecto-fera*, o *projecto-petroleo*, o *projecto-dynamite* (toños estes synonymos são historicos:

¹ BAGEHOT: *Biographical Studies* (Lond., 1881), pag. 300-302.

² N. W. SENIOR: *Op. cit.*, vol. I, pag. 127-128.

que distancia percorrida em dois annos!), estrangulado sem debate, victima de uma cilada e um apedrejamento, estava sepulto sob a congerie dos projectis, acima da qual raia ainda hoje em amplo circulo aureolar a idéa vital da reforma. Os captivos tinham volvido ao desespero, e tiritavam lividos nas trevas, emquanto o depositario de nossos destinos procedia á cerimonia olympica de ouvir alguns capitães officiaes de partidos, por amor da etiqueta e da curiosidade.

*E não por que conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.*¹

A organização do ministerio Saraiva rejubilou os satisfeitos.

Sabia-se que esse estadista estava preparado para o governo. Os seus mais intimos confidentes insinuavam ao ouvido este segredo, a quantos promettessem não guardal-o, e, nas combinações escusas que operaram a suppressão do ministerio Dantas, essa certeza, auctorizada pelas suggestões mais competentes, actuou como a peca mestra do escavador na abertura da solapa. Foi como abolicionista, e de muito mais arrojada esphera que o seu antecessor, que o novo presidente do conselho definiu o seu governo. Phenomeno inaudito: os applausos reduplicaram nas fileiras do escravismo. O que este anhelava eram ministerios abolicionistas. Mostrou-se o novo projecto, e (portento igual ao mais insondavel dos mysterios) a maioria alliada, na camara dos deputados, viu que essa prole dos deuses era um par siamez de duas cores: conservador purissimo e requintado abolicionista. Novas acclamações em Campos e no Ceará.

¹ CAMÕES: *Lus.*, IV, XIII.

«A historia», disse José Bonifacio, essa que não conhece os cortejos da democracia e os revolucionarios da ordem, se passarem as obras esplendorosas das colligações inconscientes, que vêm das trevas, dirá que a sua physionomia é dupla: projecto adeantado para os liberaes do exercito alliado; projecto conservador para os socios de guerra que vieram dos arraiaes inimigos.»¹

A verdade, senhores, a séria verdade desse episodio, é que a politica do ministerio 6 de junho, de que José Bonifacio foi o grande braço no senado, e que deixou o exemplo, unico, até hoje, entre nós, de um governo cuja popularidade cresce depois da sua queda, tornara impossivel a successão immediata de uma administração declaradamente reactiva. Era um desses casos, em que, por instinctiva manha,

*Le mal prend tout à coup la figure du bien.*²

Não ha que provar o character retrogrado do projecto Saraiva. Restabelecendo o principio da indemnização, elle restituiu aos detentores de creaturas humanas a condição legal de proprietarios, e creou a disposição abominavel, verdadeiro sonho de ignorancia e pravidade, que capitula em furto a misericordia para com os escravos perseguidos. A ferocidade desta instituição imbecil só é menor do que a sua ignobilidade e a sua demencia. Ella pertence ao numero dos crimes legislativos, de que Bossuet trovejava: «Obediencia não selhe deve; porque não ha direito contra direito.» Ha de ficar rebalsando-se no lameiro politico dessas degradações da oppressão, que os nossos filhos hão de recordar, quando quizerem inspirar a seus filhos o horror das coisas odiosas.

¹ J. BONIFACIO: Disc. de 4 de set. de 1885. *Annaes do Sen.*, 1885, vol. IV, pag. 51-52.

² V. HUGO: *Châtiments*, l. VI. XIII.

O duque de Broglie, em 1828, na camara dos pares, verberando esse projecto contra a imprensa, que ficou nomeado, na historia da restauração, pela alcunha de *lei de justiça e amor*, com que o designou a candidez de um dos seus adeptos, dizia, com a auctoridade extraordinaria da sua moderação: «Ainda mal! temos atravessado tempos, em que, usurpada pela tyrannia a auctoridade da lei, chamou-se bem ao mal, e ao crime virtude. Nessa dolorosa provação não procurámos a pauta das nossas acções na lei, mas em nossas consciencias. Antes quizemos obedecer a Deus do que aos homens. Nós somos os mesmos que falsificaram passaportes, e deram talvez falsos testemunhos, para salvar vidas innocentes. Deus ha de julgar-nos em sua justiça e misericórdia. Havemos de ser fieis a essas tradições. Vossa lei, certifica-e-vos, será vã; porque o paiz vale mais do que seu governo.»¹

*Ministerio de camaradagem*², na phrase de José Bonifacio, e condemnado a «viver pela camaradagem parlamentar», o governo Saraiva recebeu do grande orador golpes, que ficaram na historia. Isso, que trazeis em punho», dizia José Bonifacio, «não é uma reforma: é um expediente de guerra, que prolonga a escravidão dos negros, para nobilitar a supposta liberdade dos brancos.»³

A cada um dos attentados desse projecto a scintillante indignação daquella palavra impoz stygmata indeleveis.

«Em 1885», clamava José Bonifacio com uma ironia de aço lampejante, «o reformador, que veio salvar o partido liberal de um naufragio certo, reerguendo a liberdade abatida ao pé da ordem desconsolada, resuscitou o velho principio do direito da propriedade escrava, com todos os labores da mais incomprehen-

¹ DUC DE BROGLIE: *Souvenirs*, vol. (III Par., 1886,) pag. 87.

² J. BONIFACIO: Sess. de 23 de maio de 1885. *Annaes do Sen.*, 1885, vol. I, pag. 17.

³ Sess. de 4 de set. de 1885. *Ann. do Sen.*, 1885, vol. IV, pag. 51.

sível e contradictoria doutrina, e fel-o caminhar com duas muletas, a jogarem uma contra a outra : a tabella de preços para as alforrias obrigatorias e a servidão regulamentar com salario a capricho.» ¹

E' tremendo o confronto, que estabelecia entre a reforma de 1871 e a de 1885 : a lei Rio-Branco e o projecto Saraiva. «Em 1885», dizia elle, «o sr. conselheiro José Antonio Saraiva achou coisa melhor : ao lado dos açoitos liberalmente distribuidos e sem remedio especial no projecto, penalidades novas e de natureza incomprehensivel, impondo a cada homem, neste imperio de maravilhas, a pena de furto pelo acoitamento de escravos sem distincção alguma, fazendo-a depender da simples achada da coisa perdida, que, na hypothese, é o escravo.» ²

Ouvi a sua eloquencia neste topico admiravel :

«Se ha, como pretendem os publicistas, alguma coisa que paira acima dos acontecimentos, como o propheta via o espirito de Deus acima das ondas, o nobre presidente do conselho ha de ouvir a voz mysteriosa do espirito do tempo, estendendo os seus braços incommensuraveis, como os braços gigantes de uma cruz, entre a sepultura de um morto e a glorificação de um vivo. São duas épochas, que convem approximar : o anno de 1871 e o anno de 1885 ; lá, entre os nevoeiros semi-transparentes do passado, o chefe conservador salvando o berço de creanças innocentes no meio da revolta de seus proprios amigos ; aqui, o chefe liberal mandando guardar, como prisões de estado, as sepulturas abertas da liberdade so-nhada.» ³

A acareação, debaixo do flagello vingador, toma as proporções de um poste erguido no mais alto cume da historia do captiveiro contra os dois estadistas consocios na lei escravizadora de 1885:

¹ Sess. de 4 de set. de 1885. *Ann. do Sen.*, 1885, vol. IV, pag. 56.

² Sess. de 4 de set. de 1885. *Ann. do Sen.*, 1885, vol. IV, pag. 54.

³ Sess. de 4 de set. de 1885. *Ann. do Sen.*, 1885, vol. IV, pag. 54.

«Ambos figurarão na historia, e s. exc. (o sr. Saraiva) mais do que o seu rival em glorias e companheiro de trabalhos, como autores do actual projecto. *Prolongar a escravidão*, ameaçada em seus reductos capitaes pela lei de 1871, *tal é o fim, que se revela na reforma.*» ¹

Os conservadores, aos quaes o chefe do ministerio 5 de maio immolara, na phrase de José Bonifacio, «o seu velho amigo Dantas», e com elle a liberdade e a honra de seu partido, contavam açonadamente os instantes ao ministerio Saraiva, que, em um dia dos mais ordinarios, offereceu o logar aos seus inquietos alliados, *para que estes*, declarou elle, *o não derribassem.*

Esta justificação do emerito estadista que nos tem governado, diria Camões,

Cum saber só de experiencias feito, ²

legisla novo codigo de dignidade para os estadistas do nosso regimen, em que, até agora, sempre se julgou incompativel com o primeiro dos deveres de um gabinete abdicar nas mãos de seus antagonistas, sem que estes os vençam em batalha parlamentar.

Mas era natural que acabasse pela surpresa de um alçapão a politica que se gerara na clandestinidade de uma emboscada.

D'ahi em diante a coroa continuou a trilhar o caminho do arrependimento ; o que se tornara visivel desde a vocação imperial do sr. Saraiva. O partido liberal cahira com o ministerio 6 de junho. O governo pseudo-liberal, que lhe succedeu, serviu apenas de roubar a esse partido a gloria de ser leal á sua fé, amortalhando-se na bandeira abolicionista, ou dessepultando-se com ella, e vilifical-o pela cumplicidade na restauração do poder servil.

Deixemos a vez a José Bonifacio :

¹ Sess. de 4 de set. de 1885. *Ann. do Sen.*, 1885, vol. IV, pag. 55.

² CAMÕES: *Lus.*, IV, xci.

«O sr. presidente do conselho», dizia elle, recebendo o ministerio Cotegipe «é um prolongamento do sr. Saraiva, como este foi uma anticipação do sr. barão de Cotegipe. Os conservadores, que, na camara dos deputados, se uniram aos amigos do ex-presidente do conselho, figurarão na historia parlamentar deste paiz como parte de um exercito alliado incumbido de aprisionar dentro no seu proprio acampamento os incautos socios de guerra, que tiveram a infelicidade de acreditar mais nas influencias predominantes dos homens do que na vitalidade creadora da idéa fecunda, que devia ser o seu norte unico, ao menos nos dias de tempestade. A situação, portanto, não mudou; é a mesma: poder-se-ia dizer, com perfeita e exacta comprehensão dos acontecimentps, que deixou o governo o sr. barão de Cotegipe, para entrar o sr. senador Saraiva.»¹

Quando a situação conservadora, já pregustada no ministerio 6 de maio, acabou por se affirmar sob o seu nome proprio no gabinete 20 de agosto, após

Tão longo, tão fingido e vão proemio, ²

a monarchia volveu em cheio ao regaço de suas predilecções.

Suffragado de antemão por uma lista, que se apresentou á coroa, de dezeseite liberaes, com que o governo demissionario mostrara a sua abnegação pelo seu natural herdeiro, o ministerio Cotegipe restituiu á tranquillidade o throno, que o projecto 15 de julho desviara do curso das suas tradições. Os novos titulares do poder receberam a assignatura imperial em branco. O Argos real, que velara com cem vezes mil pupillas dilatadas em cima de cada urna eleitoral,

¹ J. BONIFACIO: Disc. em 4 de set. de 1885. *Ann. do Sen.*, vol. IV, pag. 51.

² CAMÕES: *Lus.* vol. VIII, LXXIV.

durante os comícios de 1884, adormeceu discretamente no pleito de 1885. A coroa constitucionalizou-se da noite para o dia, confiando á administração recém-nada um posto absolutamente livre para o mal,

*Onde, sem que o seu rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.¹*

Naturalmente o estadista honrado em 20 de agosto com esses plenissimos poderes não pactuou nada com Sua Magestade acerca da questão suprema. Explicações não lh'as deu, nem a coroa lh'as pediu. E' que já não havia sobresaltos patrióticos. Legitimara-se para o governo o sr. Cotegipe, assegurando, em grande pontifical, que *devia, podia e queria* solver o problema negro. E solveu-o, simplesmente declarando-o resolvido; chanceando com alguns remoques de sal grosso a ingenuidade dos amigos da raça escravizada; mutilando com as prevaricações do regulamento o aborticio aleijão da lei Saraiva; jactando-se da mais desdenhosa indiferença ao vituperio do senado; provocando-o com insolencia a quantas censuras a camara vitalicia lhe quizesse inflingir, sob o pretexto (verdadeiro em these, mas despropositado n'uma hypothese de lealdade do executivo aos actos legislativos do parlamento) sob o pretexto de que os representantes perpetuos da nação não fazem politica; arrastando a uma fusão ignominiosa a sua maioria de paus-mandados, para legalizar a fraude que espoliou os escravos de anno e meio de liberdade, convertendo a capital do imperio em senzala grande da provincia, e fazendo da policia da Còrte o malsim barbaro das fazendas.

Não serei eu quem o estranhe ao sr. Cotegipe: um homem ou ha de occupar-se com a propria reha-

¹ CAMÕES: *Lus.* VIII. LXXIV.

bilitação, ou com a reabilitação de seu paiz. Entretanto, não deu por nada disso a coroa, que agora reina, e não governa, e que não tinha, portanto, o direito de inquerir dos seus ministros se as escotilhas aferrolhadas encobriam mercadoria avariada e fraudulenta,

*Ou droga salutifera e prestante.*¹

Devemos, pois, estar edificados, para ouvir de torna viagem maravilhas como as que nos conta, em recentissimo livro, um dos estrangeiros de melhor nota, senso e saber, que nos têm visitado, a proposito da solemnidade chinesa da charrua, que o filho do sol dirige por sua mão, certo dia do anno. «O imperador do Brazil», escreve o barão de Hübner, «deante de sua comitiva e dos ociosos do Rio de Janeiro, quando embarca no seu hiate, ou toma o comboio, timbra em levar elle mesmo o seu sacco e manto de viagem. Vae nesse habito uma lição, que quer dar aos seus subditos brancos, a cujos olhos é desdoiro e tarefa de negros o serviço manual. Tem d. Pedro II assim por instituto reabilitar o trabalho, naturalmente desairado em terra de escravos.»² Com a mesma plausibilidade o illustre forasteiro diria que o senhor do celeste imperio, encommendando para os jardins de um palacio seu alguns metros de ferrovia e uma miniatura de wagons, constituiu-se o protector da viação-ferrea no oriente, contra o espirito regressista dos asiaticos. As palavras do fidalgo austriaco sahiram-lhe da penna sem o minimo laivo de ironia. E nós porque havemos de concebela? O principe abolicionista, que nos pastoreia, tem motivos de sobra, para malsoffrer a impaciencia destes abolicionis-

¹ CAMÕES: *Lus.* VIII,

² DE HÜBNER: *À travers l'Empire Britannique* (Par. 1886,) vol. I, pag. 203.

tas descoroados, que o sr. Saraiva assumiu a missão de inutilizar, e referir-se a elles com o máu humor de Francisco II á dieta hungara : *Totus mundus stultizat, et vult habere novas constitutiones.* Porque havemos de querer a abolição legislada, se nos está a reger, do throno, a abolição viva? Emquanto o chefe do estado puder percorrer o imperio com a maleta de viagem na mão, o futuro não periclita; os brancos acabarão por empunhar a enchada de colonos; e quem sabe se o fervor de conversos os não levará a invejarem as fadigas do captiveiro?

Duras cabeças as nossas que ainda assim se não despersuadem. Ahi está onde os máus vassallos se parecem com os bons reis: obstinados nos seus entes de razão e difficeis, como pedras, de mudar de conselho. Mingua-no; a docilidade de espirito daquelle servo de Bonaparte, que, em 1813, jurando na cegueira de seu amo em presença das esmagadoras forças militares que Metternich reunia em apoio da mediação, não obstante a authenticidade aterradora dos documentos que o comprovavam, punha ponto a todas as duvidas com este acto de fé: «Meu caro, o imperador sabe mais do que nós, mais do que toda a gente, nisto como noutra coisa qualquer; e, para mim, a sua opinião é base de marmore, por onde caminho reseguuro, sem discrepancia de um nada.»¹

Mas nós, peccadores confessos e relapsos, não cremos na infallibilidade de uma politica remontada á altura do sacco de viagem, e morreremos sustentando que a regeneração do trabalho não se effectuará senão pela abolição do captiveiro.

Na proximidade, a que chegámos, dessa conquista imminente, a abolição dos açoites pouco mais é do que um acto de estrepito para a exaltação estrangeira da coroa. Mera interpretação de um pensamento legal já contido no direito anterior, amesquinhada, ainda assim, pelos commentarios ministeriaes, que reas-

¹ DE BROGLIE: *Souvenirs* (Par., 1886,) vol. I, pag. 234.

seguram aos senhores, contra os escravos, a auctoridade, nas garras do feitor, do açoite assassino que se arranca das mãos da justiça,—essa medida, moralmente considerada, na apreciação das circumstancias utilizadas para conseguil-a, assignala expressivamente a insalubridade da nossa athmosphera politica. Esse lance de sensação foi obtido da camara pelos ministros contra a opinião dos ministros e da camara, graças á passividade incondicional de um gabinete prisioneiro da coroa pelas eleições para o senado e á experimentada servilidade de uma maioria deshonrada pelo voto da fusão.

Desde as almas até o solo que pisamos, tudo, pelo captivo é esterilidade, corrupção e destroços. Origem universal de nossas calamidades, elle reproduz uniformemente aqui os effeitos do seu dominio, onde quer que esta desgraça affligiu o genero humano.

Vede os estados meridionaes da União Americana antes da guerra civil. A actividade nacional circumscripta á lavoura, a lavoura á grande propriedade, a grande propriedade á cultura superficial¹; o solo rapidamente extenuado pela *instituição patriarchal*, que «utilisa a terra e o homem com a mesma barbaria, não lhes restituindo nada em troco do que extrae, e queimando as regiões por onde passa»²; a população forçada pelo depauperamento da terra a dispersar-se indefinidamente em busca do chão virgem³; a producção privada de sua variedade natural, condemnada ao exclusivismo de um ou dois productos accessiveis á estupidez do labor servil; os processos de amanhã, especialmente na cultura que era o factor dominante na vida inteira do sul, immobiliza-

¹ VON HOLST: *The Constitutional and Political History of the United States, Transl. from the german by JOHN LALOR and A. B. MASON.* Vol. I (Chicago, 1877), pag. 342 e segs.

² VON HOLST: *Ib.*, pag. 345.—ELISÉE RECLUS, *Revue des Deux Mondes*, 15 juillet, 1862, pag. 394.

³ VON HOLST: *Ib.*, pag. 345-346.

dos em um atrazo de indescriptivel vergonha¹; a renda agricola baixando, nos terrenos de algodão, á infimidade de 3 por cento, que o productor, dementado pela penuria, imaginava levantar artificialmente, estabelecendo a limitação do plantio, para altear os preços²; innumeraveis rios desnavegados, rarissimas as estradas, a viação ferrea em estado embryonario, os caminhos intransitaveis por longas estações do anno, arduas e dispendiosissimas as jornadas, que os viajantes encaravam como casos de vida e morte; difficultadas as communicações com os centros commerciaes, como se de povoado a povoado se interpuzesse, multiplicado a cada passo, o obstaculo de alfandegas e exactores estrangeiros³; a immigração, não obstante as seducções de uma natureza prodiga, embaraçada, excluida, com todos os seus elementos de regeneração, politicos, moraes, industriaes, por essa muralha chineza de dia em dia mais alta entre aquella aristocracia republicana e a civilização moderna⁴; a marinha mercante paralysada em condições de lastimosa inferioridade⁵; infecundo a tal ponto o espirito de invenção que, em um anno, uma só capital do norte obteve, em patentes, o triplo das concedidas a toda a metade escravista da União⁶; os fructos do trabalho insufficientes para a subsistencia do povo, grangeada á custa da exportação dos seus principaes productos e da importação de viveres de primeira necessidade, em contraste com os visinhos do norte, cuja producção, além de alimental-o, sobejava, derramando-se pelo sul, e comprando-lhe a maior parte das suas colheitas⁷; uma feudalidade de barões de escravos subjugando, absorvendo, condemnando á exis-

¹ «A burning and crying shame.» VON HOLST: *Op. cit* vol. III (Chicago. 1881,) pag. 589.

² VON HOLST: *Ib.*, pag. 572.

³ VON HOLST: pag. 577-579, 592.

⁴ VON HOLST: vol. I. pag. 350, 568.

⁵ VON HOLST: vol. III, pag. 573.

⁶ VON HOLST: pag. 576.

⁷ VON HOLST: pag. 573.

tencia vegetativa as classes productoras ¹; indigencia de capital, raro em todos os paizes de escravos, por um phenomeno natural, de que são inevitavel corollario dois factos typicos da industria servil: a vastidão dos latifundios e a obração da grande lavoira, carregada de pretenções e dividas ²; o commercio internacional monopolizado por estrangeiros e cidadãos do norte ³; uma sociedade composta de fidalgos encravilhados e escoria branca⁴, que sem o auxilio do norte ou do estrangeiro, não teria sequer o vestido que lhe cobrisse a nudez. ⁵

Acabo de pintar-vos a escravidão na America do Norte. Não é identica a imagem á da escravidão na America do Sul?

Bastariam noções elementares das leis que regem a distribuição da riqueza, para não ignorar que os lucros do capitalista podem avultar pela acção de processos que diminuem a renda geral do paiz, e que, portanto, uma communitade pôde empobrecer por effeito das mesmas causas que enriquecem alguns dos seus membros. ⁶ O interesse do proprietario servil, ou antes o falso interesse que elle imagina verdadeiro, tão pouco tem de commum com os interesses geraes da população, quanto com os seus interesses moraes, politicos, sociaes.⁷ Não haveria, entre nós, quem o não percebesse, se, nos paizes infamados por esta praga, todas as classes sociaes não fossem escravas da escravidão, cuja suprema forza está em que a sua tyrannia sobre o proprietario é tão absoluta como o jugo deste sobre o captivo.⁸

¹ VON HOLST: pag. 591. Em relação ao Brazil ver E. RECLUS, *loc. cit.*

² CAIRNES: *The Slave Power* (Lond.) 1863, pag. 75.

³ VON HOLST: *Op. cit.*, vol. III, pag. 573 n.

⁴ CAIRNES: *Op. cit.*, pag. 83 n.

⁵ VON HOLST: vol. I, pag. 347.

⁶ CAIRNES: *Op. cit.*, pag. 65.

⁷ CAIRNES: *Op. cit.*, pag. 66.

⁸ VON HOLST: *Op. cit.*, vol. II (Chicago, 1881,) pag. 81.

Essa alienação da consciencia, nas raças viris como a saxonia, acarreia o delirio violento, excessos satanicos de crime, a erupção de uma philosophia execravel, que proclama a suppressão da liberdade em um dos ramos da familia humana como *um positivo bem*, o melhor fundamento dos governos livres, o modelo das sociedades civilizadas, a fonte de toda a vida nacional, a inseparavel socia das nacionalidades republicanas¹; que amordaça o parlamento «por amor da paz, da harmonia e da união»²; que proscree a tolerancia, abafa a imprensa, tumultúa as reuniões populares, elimina o direito de petição, põe a premio cabeças, assassina jornalistas, effigia os que não póde assassinar, accende autos de fé, eleva sicarios executores de homicidios infames á altura dos patriarchas da independencia³, e move uma guerra civil, que ha de reboar na historia até o fim dos tempos.

No temperamento lymphatisado da nossa nacionalidade, porém, o que a idéa abolicionista vem a encontrar, são os enliços da intriga, a guerra de pequenos recursos, a fermentação da venalidade, a apathia politica, a podridão parlamentar, a resistencia inerte. Entre aquellas convulsões e este collapso, as probabilidades de restabelecimento na primeira hypothese, são tanto maiores quanto mais facil é a cura da paixão que a do vicio, a da allucinação que a da idiotia.

Quando, para frustrar uma deliberação do congresso, que decidira não ouvir mais as representações abolicionistas dos cidadãos americanos, Adams annunciou da tribuna um requerimento de vinte e dois captivos, reerguendo em nome dos escravos o direito de petição asphyxiado nos livres, essa temeridade inaudita suscitou na camara scenas de tresvario, que

¹ VON HOLST: *Op. cit.*, vol. II, pag. 269, vol. V (Chicago, 1885), pag. 481, 482 n., 483.

² VON HOLST: *Op. cit.*, vol. II, pag. 263 e segs., 267.

³ HENRY WILSON: *History of the Rise and Fall of the Slave Power in America*, vol. III (Boston, 1877.), pag. 130.— VON HOLST: *Op. cit.*, vol. II, pags. 100, 111, 221, 222, etc.

constitueu «uma das paginas mais sombrias da sombria historia da escravidão nos Estados-Unidos.¹ Mas excessos taes não deixam de provocar reacções ainda mais vivas do sentimento moral; e as desmesuradas proporções tragicas dessa revolta do mal contra a justiça prenunciavam, após gigantescas refregas, uma victoria divina. Aqui tudo é calma, torpor, senilidade: e, se um representante do povo levanta, no parlamento, a questão do novo estado civil do escravo, em presença de reformas que lhe asseguram direitos pessoaes contra o senhor; se se interpella o gabinete sobre as suas intenções acerca de um problema que elle se obrigara a desenredar; se se interroga o executivo no tocante á sua attitude em relação a agentes da lei convencidos de crimes sanguinarios e covardes contra as mais infelizes de todas as creaturas—o ministro com um sarcasmo aspero e brutal, alguns esgares de baixa comedia, um remoque dissaborido e mau, uma repulsa brava e secca ás esperanças supplices dos opprimidos, ou com a perversa invenção de uma enfermidade na victima, para innocentar o crime nos algozes protegidos, tem pulverisado o contradictor, merecendo ainda as palmas de homem de espirito, e pôde recolher á casa entre a adulação de uns e a resignação de outros, satisfeito de ter honrado o seu papel com a arte de um Talma, a eloquencia de um Pitt e a agudeza de um Metternich.

Ha ahi, na chronica deste paiz, ephemerides de immoralidade comparaveis ás destes dois annos?

Uma agrupação *liberal* associada aos antagonistas da liberdade, para esmagar o ministerio propulsor da grande reforma libertadora, a de mais alcance que entre nós já se projectou ha meio seculo; um estadista professionalmente liberal elevado ao poder sobre os escudos de seus adversarios, para inaugurar, sobre as ruinas do seu antecessor, a politica da es-

¹ VON HOLST: *Op. cit.*, pag. 259 e segs.

cravidão sob a inculca de progresso acelerado ; um gabinete rector galgando socegradamente o poder com o apoio de inimigos seus camaradas, que lhe levam de redea o palafrem cavalgado pela escravidão com a prole do ministerio *adeantado* ao colo ; um pedaço fluctuante de um partido operando tres mudanças politicas a beneficio do outro ; conservadores que não sabem se querem o passado, ou o porvir ; liberaes que sotopõem o porvir ao passado ; escravistas que votam por servilismo providencias emancipadoras ; emancipadores que *por abolicionismo* cooperam no captiveiro ; e, librando-se acima desse cahos, um poder pessoal, de cuja volubilidade na questão decisiva do nosso futuro se poderia dizer como aquelle ministro do antro da sybilla na phantasia dramatica de Renan : As inclinações dos deuses parece que variam com as dos sacerdotes que os servem.

Neste sabbath de nigromantes, nesta noite politica de Santa Walpurgis, descobrireis ainda algum vestigio de governo parlamentar, do regimen de partidos ?

Entre nós, os que corrompem as instituições parlamentares, e vivem da degenerescencia dellas, são precisamente os que mais mal, com alta sobranceira, o systema politico de que nos priva a sua influencia malfazeja. Substituem os partidos por corrilhos, para depois assacarem áquelles a immoralidade destes, e condemnarem o governo de partido pelas culpas de uma politica que é exactamente a negação delles.

Senhores, o nosso infortunio não é nem o regimen parlamentar, nem a acção dos partidos, mas, como pensava José Bonifacio, a ausencia de um e outros.

Sob o céu republicano da America a realza não é possível, senão praticada em condições de uma monarchia constitucional, que confine com a republica, isto é, sob a fórma sinceramente parlamentar.

Mas a mesma republica hesita entre a solução presidencial, cujo typo se nos offerece nos Estados-

Unidos, e a solução parlamentar, de que a França é modelo ; entre o governo de um chefe de gabinete submettido á maioria da camara popular, que o elege, e o governo de um chefe de estado com ministros independentes da representação nacional, como o presidente da União Americana, eleito de facto por uma convenção partidaria omnipotente ; entre a nomeação do executivo pelos partidos no seio de uma corporação legislativa permanente, responsavel á nação, e a designação do governo pelos partidos em uma assembléa transitoria, irresponsavel, constituida *ad hoc* e *post hoc* supprimida. ¹ A propria republica Americana, a cujo respeito estão longe da verdade certas noções correntes entre nós, começa a discutir a conveniencia de parlamentarizar-se, adoptando o mechanismo da responsabilidade ministerial. ² E, se o objecto da organização, na republica, assim como na monarchia, é «um governo bem ponderado, em que a ultima palavra caiba sempre á nação, mediante eleições livres e regulares» ³ não se concebe nada comparavel ao organismo parlamentar na sua exquisita sensibilidade ás mais leves impressões da opinião nacional.

Em todo o caso, regeitar podereis, talvez, o governo parlamentar ; mas, emquanto a liberdade fôr o objecto das vossas aspirações, não é licito condemnar o governo de partidos, que os seus mesmos improprietarios confessam ter por base «um sentimento tão universal como a propria humanidade.» ⁴ Outra coisa não é o progresso senão a linha média entre duas tendencias oppostas, que os partidos corporificam.

¹ WOODROW WILSON: *Congressional Government* (Boston. 1885), pag. 242 e segs.

² GAMALIEL BRADFORD: *Government in the United States. Na Contemporary Review*, dec. 1885, vol. XLVIII, pag. 875.

³ DUVERGIER D'HAURANNE: *Histoire du gouvernement parlementaire in France*. vol. X (Par., 1871), pag. 709.

⁴ HENRY SUMMER MAINE: *On Popular Government*, 2nd. ed., (Lond., 1886,) pag. 31.

Desses dois antagonistas póde-se affirmar com segurança que «cada um é uma excellente metade, mas um todo impossivel. Cada um expõe os abusos do outro ; mas, em uma verdadeira sociedade, em uma entidade completa, ambos devem cooperar. A natureza não corôa com a sua sanção factos, expressões, ou actores, que não conciliem esses dois elementos : nem á penedia que seculos e seculos resiste ás ondas, nem ás ondas, que continuamente açoitam a penedia. A belleza superior está no carvalho, que braceja cem annos a enramada contra as tempestades, e cada anno não cresce mais que uma vergon-tea ; no rio, que, correndo sempre, estende-se pelo mesmo leito, de idade em idade ; ou, acima de tudo, no genero humano, que subsiste secularmente por entre as modificações do universo, alongando-se, todavia, tanto de si mesmo, que, se rememoraes o que era, e o que é, haveis de dizer : «que distancia ! e que disparidade !»¹

Dest'arte, deplorar os partidos, que são positivamente um bem e uma necessidade congenita á sociedade humana, tanto importa como «reprovar a nevoa e o vento»², ou as forças que equilibram o mundo.

O que deprava os partidos, são as considerações pessoaes, e destas a responsabilidade pertence aos que não sabem dirigil-os, senão cultivando-as ; porque lhes fallece capacidade, ou sinceridade, para dominarem pelas idéas, e ficam reduzidos a restribar-se nos individuos, que as não têm, governando com a inveja, a mediocridade e a ronha.

Que nos dão em troca dos partidos os nossos sabios analphabetos ? As suas pessoas e os da domesticidade que os cerca. Na monarchia constitucional os partidos só intimidam os reis irrequietos, ou os estadistas de estado.

Quando ouvirdes um chefe politico envergonhar-se das suas relações com a parcialidade que para seu uso o inventou, e declarar-se superior aos vinculos de

¹ R.W.EMERSON: *Miscellanies* (Lond., 1884,) pags.342, 343'

sua origem, ponde os olhos no circulo que o rodeia, e pelos devotos avaliae o oraculo. O governo dos partidos, como o entendia José Bonifacio, é o governo pelos principios e pelo merecimento. Os que não têm merecimento nem principios, não n'ò podem estimar.

Conta um escriptor contemporaneo que Saturno, no principio dos tempos, cansado de estar a sós deante de Urano, o Céu, deliberou-se a crear, e creou uma ostra. Aproveu-lhe esta manifestação do seu poder, e, ancho de sua obra, continuou a crear indefinidamente a especie das ostras. Mas um dia o apostrophou Urano : Eia, Saturno, outra criação ! Repetições não prestam. Saturno escusou-se, receioso da Noite e do Chaos. Emmudeceu e passou milhares de annos a fazer moluscos. Afinal, porém, lhe occorrem á mente, como restea de luz, as palavras de Urano, e Saturno creou a Jupiter. Então tremeu ; o universo gelou ; e, para salvar o mundo, Jupiter destruiu Saturno, seu pae. Ha, entre nós, velhos progenitores de ostras, que parece não esquecerem a lição, e arreceiam-se dos partidos, porque temem a capacidade e as idéas, como fonte perenne de renovações e luctas.

Consistem, entre nós, por via de regra, os partidos na investidura de um ou mais chefes com o direito de darem a um grupo mais ou menos numeroso de adeptos uma senha, que não se discute, e que, taes sejam as circumstancias, póde vir a ser, de [um para outro momento, a palavra de ordem do partido adverso. Acontece a miudo que a vassallagem que os circumda, conhece tanto os titulos da autoridade do seu mandante como as ostras do velho Saturno a filiação do genitor immemorial, que nellas se revia. Algumas dessas personificações venerandas recordam aquelle dente de Budha, que se idolatra na India, ha mais de dois mil annos, guardado sob uma campanula de prata, entre adereços e pedrarias, no claro-escuro do sanctuario, e que, tendo representado extraordinario papel na historia da antiga Taprobana, não passa, examinado ao perto, de um grosseiro fragmento de marfim. Diz-se que da reliquia sacrosanta Ceylão

conhece muitos exemplares, sem que isso lhe altere a authenticidade, ou arrefeça a adoração dos fieis. E' o que succede aos nossos partidos, para os quaes o enleio está unicamente em optar pelo specimen opportuno, no variado medalhario dos chefes.

Perguntae-lhes, porém, pelas idéas; responder-vos-ão que o tempo aconselhará : *Deus providebit*.

Outr'ora ainda a politica sobrepensava em programmas, que mais tarde vinham a ser pusillanime e interesseiramente rasgados, mas que ás vezes tinham sido concebidos em honestidade de animo e candura de intenções. Dest'arte a opposição ao menos apresentava apparencias de seriedade : a lição de ambições patrioticas. Hoje é precisamente ao partido alheio ao poder que se dicta o preceito de uma discreção especial, para que não arrisque, de leviano, a sua vez; de modo que as duas parcialidades officiaes formam apenas duas secções da mesma confraria politica, revezando-se no governo para entreterem a superstição dos crendeiros, e arrecadarem a cêra do altar. Extinguiu-se a lucta, succedendo-lhe a inercia espectante, pela certeza de que o vencer está no aguardar

—*Monsieur, quand donc espérez-vous*

Que notre règne nous arrive ?

—*Monsieur, l'avenir est à nous.*

—*Mais il n'y paraît pas encore.*

—*N'importe, le temps n'est pas mûr ;*

—*Mais il viendra.—Quand ?—Je l'ignore,*

*Et voilà pourquoi j'en suis sûr.*¹

Não quero dizer que se costume tolher aos partidarios disciplinados o uso da loquela. O bom regimento das coisas, pelo contrario, anima a opposição ao exer-

¹ CH. DE RÉMUSAT.—Veja-se DUC DE BROGLIE: *Souvenirs*, vol. II, pag. 13.

cicio de malhar nos abusos da administração actual, precioso serviço que esta lhe agradece, utilizando a oportunidade de canonisar os seus delictos com os arestos da tradição firmada pelos adversarios. Mas, no que respeita a principios, escrupulosa abstenção, clareza o menos que ser possa :

*Repandez partout la lumière,
Sans être plus clair qu'il ne faut.*¹

Temos, Senhores, por exemplo, um partido liberal ; e esta designação liga-se a toda a minha vida publica, não mui longa, mas não pouco laboriosa.

Delle posso fallar com excepção ; porquanto os unicos que commigo não contaram jamais, são os detestadores das idéas que esse partido representaria, se correspondesse ao seu nome. Mas sabe aqui alguém a mira politica do partido liberal ? E' um mytho, ou existe de feito esse partido ? Poderia alguém escusar o dessa reticencia, allegando a superfluidade de declarações explicitas, que os symbolos da aggremação liberal supprem n'outros paizes,—quando, aqui, esse partido se despenhou do governo, por falsear aos compromissos da sua missão natural, no primeiro, no mais elementar, no mais inviolavel dos seus artigos ?

Vejo marechaes parlamentares, sabres respeitaveis, estado-maior, quartéis-mestres, candidaturas eleitoraes, queixas e protestos collectivos, periodicos e projectos de periodicos, directorios, centros locais, pretensões, reivindicações, bagagem pesada ; mas não oiço idéas, não encontro armas novas, não avisto a bandeira emblematica da patria, o principio sagrado, que faça da disciplina brasão, e da docilidade honra.

Não se apague dos espiritos sãos o exemplo varonil de José Bonifacio, quando, em linguagem de escandalo para os echos da camara dos senadores, denunciou no ministerio 6 de maio, sobalçado pelo seu chefe

¹ CH. DE RÉMUSAT.—Veja-se DUC DE BROGLIE : *Souvenirs*, vol. II pag. 12.

como o salvador da situação liberal, um contubernio illegitimo, que a dignidade de partidos serios não poderia tolerar.

«Toda a força attrahente de seu projecto» (refere-se ao sr. Saraiva) «todas as suas victorias de hoje, ou derrotas de amanhã hão de prender-se a essa fatal origem: foi proclamado organizador de ministerio pela imponente minoria conservadora e pela diminuta fracção liberal dissidente. E' a sua maioria, e, portanto, o seu titulo de legitimidade; não tem outro; mas s. exc. mesmo receia a tremenda responsabilidade de acceptal-o.»¹

De toda essa politica de inaccessible habilidade, indevassavel, sobredivina, reverenciada entre os nossos derviches,—que ficou ao thesoiro liberal? O remorso, se não é a impenitencia no descredito.

Que reste-t-il au fond de l'alambic?—La honte. ²

E havemos de regirar sempre, automaticamente, no mesmo circulo de rotação? Com que premio? O poder em perspectiva? Vil compensação, para os que não fazem do pudor politico o reverso do brio pessoal. Somos fautores de desunião, quebramos a fraternidade domestica, affligimos a familia despedaçada? Mas a tranquillidade adquirida em uma communhão immoral não congraza: destroe o respeito mutuo, e prostitue a casa commum. Partido liberal, elle existe, eu o reconheço, e curvo-me, se vos referis a essa incalculavel somma de sentimentos progressistas, de aspirações reformadoras, de virtualidades democraticas, immanentes no seio da nação. Agitae esse fluido estagnado, e o menor conjuncto de particulas sãs póde subitamente e constituir-se em centro de movimento, e compellir o systema a voltar-lhe derredor. Essas

¹ Sess. de 23 de maio de 1885. *Ann. do Sen.*, 1885, vol. I, pag. 18.

² V. HUGO: *Châtiments*, VI, XIII.

profundidades da agua silenciosa, onde, ha uma geração apenas, a sciencia suppunha cessar toda a vida organica, descerraram-se afinal em outra creação de entes infinitos. A sonda atrevida que mergulha nas consciencias, é a idéa. Deixae-a descer, e vereis que opulencia de elementos preciosos para a evolução liberal ! Preservae-vos, porém, desses organismos amorphos, incolores e transparentes como a lympha marinha, que as contingencias da selecção na lucta pela vida prepararam, pela ausencia de expressão individual, para todas as adaptações do interesse.

Estamos desunidos? José Bonifacio dizia: «Scisão? Os partidos não se scindem por acaso, não vivem sem necessidade, não morrem sem motivo : são o que devem ser. Ha, pois, uma razão séria. Quai é? E' preciso dizel-o.»¹ Desunidos? Mas, entre liberaes que, favorecendo, directa ou indirectamente, os calculos do escravismo, repulsam, na sua essencia, a idéa liberal, fazendo de transacções deshumanas pedestal para a sua grandeza, e liberaes que devolvem a parte offerecida nas vantagens da traição ou da pusillanimidade, quem desune, senão os que fraqueiam, ou mentem? Dizem-nos : Fraternalizemos ; e os principios virão a seu tempo ; occupemo-nos, em opposição, com os nossos adversarios ; no governo nos occuparemos connosco ; escalemos as fortificações inimigas, e os acontecimentos erguerão o estandarte, que ha de co-roar a victoria. Não, senhores; a união nos partidos, não é decreto, mas resultado ; não é conchavo, mas evolução organica ; é consubstanciação, e não amalgama ; não é combinação chimica, mas synthese natural. Combater com a bandeira na mochila, ou á espera do primeiro trapilho encontrado nos escaninhos do presidio sitiado, seria alistarmo-nos mercenarios nas fileiras da deserção.

A harmonia, nos partidos, não se estabelece, a não ser pela definição precisa do seu objecto.

¹ Cam. dos Dep. Sess. de 29 de maio de 1865.

«Todo o partido digno deste nome», dizia Stephens, em 1850, na camara dos representantes, «ha de organizar-se sob o compromisso de accordo e collaboração em questões que dominem a actualidade.»¹ Outro deputado americano, por essa epocha, declarava : «Estou diligenciando reformar, purificar, e nacionalizar o partido whig ; mas, quando houver esgotado em vão esforços leaes, o meu maximo dever será destruil-o tão completamente, quanto em mim couber. E desse dever desempenhar-me-ei, até onde me derem as forças.»²

A este respeito José Bonifacio era inflexivel na opinião, na resolução, na acção. Não admittia treguas com os que traçam reconstruir o novo edificio com a calça de 1855. Sacrificava o seu repouso, exauria as suas forças, para empecer a victoria a essa simulação liberal. Apontava ao desprezo os *doli fabricatores*. Preferia os triumphos da reacção declarada á menor transigencia com a reacção mascarada nesse partido do equívoco. Seus discursos, seus conselhos, sua influencia, suas obras, tudo empenhou, para emancipar os seus correligionarios do feiticismo de idolos desacreditados, e assentar a tenda dos espiritos livres na eminencia da mais alta das idéas. Sua campanha eleitoral do anno passado é inolvidavel na vida do lidador, e revela em proporções assignaladas a sua irreconciliabilidade. No meio da lucta, o rancor do inimigo perpetrou a atrocidade de lembrar-lhe que seu coração já continha a morte. Pois bem : esse coração rompeu-se, transvasa, borbotando ; e a provincia de S. Paulo afflue em torno d'elle, banhando-se nas aspirações que marulham da represa fendida pela morte.

Transsubstanciado por esse contacto com a realidade eterna, o coração de José Bonifacio é hoje o coração impessoal da patria ; e o sentimento que propulsa o musculo titanico, é o radicalismo abolicio-

¹ VON HOLST: *Op. cit.*, vol. IV, pag. 131.

² *Ib.*, pag. 132.

nista. José Bonifacio reiteradas vezes o affirmou com intensa energia; e o paiz inteiro, que o comprehendeu, responde-lhe, esposando a causa abençoada. «A libertação do escravo e o alargamento do voto são os pontos cardeaes da doutrina liberal»¹, disse o inspirado estadista. E, de echo em echo, a nação toda o applaude, o acclama, e ensoberbece-se.

A incandescencia com que se dedicou, nos ultimos annos da vida, a esta causa, «a melhor de todas as causas», dizia elle², lavrou em chamma violenta, com uma intensidade, um fulgor, um arrojo, uma harmonia de vibrações, u na egualdade continua de clarões irresistiveis, uma crepitação de coleras sagradas, que não revelavam só a alma de um gigante, mas a consciencia revoltada de uma nação achando a sua cratera na consciencia de um patriota. Se elle fôra capaz de um interesse qualquer, ainda que fosse o da sua immortalidade, dir-se-ia que estava sentindo, nesse periodo heroico de sua vida, a gloriificação vindoura de seu nome. Mas não: o que elle experimentava, era a invasão plena da verdade, a penetração intima da justiça, a communicacão espirital com a patria.

E' por isso que ella veio sentar-se á beira de seu feretro, e d'ahi alonga os olhos pela immensidade.

Todas as provincias têm trazido a esta memoria sua oblação; e todas a consagram a José Bonifacio, o abolicionista. Não é nem ao poeta nem ao orador, nem ao chefe, nem ao co. E' ao liberal sem avenças com o captivo; e ao libertador sem condescendencias com o falso liberalismo. Morresse elle tres annos antes; e toda a sua existencia anterior não se compararia com alguns momentos da phase que a cerrou. Seu esquisfe seria sempre sellado pela admiracão

¹ J. BONIFACIO: Sess. de 28 de maio de 1886. *Ann. do Sen.*, 1886, vol. IV, pag. 179.

² Sess. de 4 de set. de 1885. *Ann. do Sen.*, vol. IV, pag. 57.

dos compatriotas. Mas esta romaria civica, que ainda não cessou de desfilar ante o seu sarcophago, esta romaria civica o que traz nos labios, é o cantico da abolição

Lincoln, num discurso pronunciado em 1858, aventurara phrases, onde o melindre do escravismo descobriu duvidas e ameaças contra a União. Aos amigos e adversarios, porém, que lh'o exprobravam, o estadista americano respondeu: «Crede embora que esse discurso foi um erro: eu não; e, se tivesse de riscar da existencia toda a minha vida, permitindo-se-me apenas salvar do naufragio breve lance do meu passado, eu escolheria esse discurso, e deixal-o-ia ao mundo sem rasuras.»¹ O que Lincoln pensava em relação a algumas linhas de uma allocução emancipadora, José Bonifacio teria dito destes dois annos de sua carreira.

Se o partido liberal, portanto, refusa a missão de partido abolicionista, não póde reclamar a herança de José Bonifacio. O lucto de que se en-traja, é então uma complacencia, de que a gloria do grande morto não necessita, ou uma hypocrisia de carpideiras, indigna da memoria de um cidadão, que não soube presar honras, mas só estimar a honra. As grinaldas que este ataúde pede, são as adhesões abolicionistas; outras nodoam como prantos venaes, e recordam as palavras de um geologo inglez na Virginia, em 1834, a um traficante de escravos, que trazia o sombreiro cintado de crepe pela morte de Lafayette. «Como!» exclamou o subdito britannico. «Lafayette punha timbre na libertação de todos os homens; e vós, um tanganhão, vestis lucto por elle?! Gente de vossa casta não devia trajar dô, senão quando baixasse o preço dos negros. Lembra-me que vos encontrei conduzindo uma cafila de escravos acorrentados pelas margens do New River: pois não me

¹ *Reminiscences of Abraham Lincoln by distinguished men of his time.* Collected and edited by A. T. H. Rice, New-York, 1886. Pag. 121-122.

admiraria, se uma destas noites o espirito de Lafayette viesse desatar as ferropias aos vossos escravos.»¹ Liberaes, que mandaes resar por José Bonifacio exequias religiosas, e não tendes a coragem do abolicionismo, cumpre optardes entre a mercancia e a idéa. O responso do vosso canto-chão não ha de abafar a voz desta lapide. Quando o officio de finados, menos funebre do que o vosso credo taciturno, menos tumular do que as almas dos oppressores, murmurar ao ouvido dos captivos e dos abolicionistas: «Não sejaes como os pagãos, que não têm esperanza», mão invisivel se levantará de baixo desta loisa, traçando no ar o *manes tecel phares* da escravidão sacrilega.

O sentimento nacional insurge-se contra os que pretendem alongar a existencia contradictoria e apenas semi-legal do captiveiro entre nós. «Leis e instituições», dizia, não ha muito, o mestre da historia constitucional americana², «leis e instituições que contrariam as relações reaes, e procedem unicamente do desejo de refreiar o curso actual dos successos, paralygando-lhes os effectos, são monstruosas e impotentes na sua monstruosidade.»

Na questão abolicionista as reformas parciaes não são marcos para descanso. Cada concessão accelera o movimento. A' medida que lhe aligeiraes as cadeias, a sensibilidade aguça-se no escravo, e a condição servil tanto menos supportavel se torna, quanto mais se avizinha da liberdade. O captivo é tanto mais impaciente da escravidão, quanto menos absoluta ella for. «Admitti-o passo a passo ao goso das satisfações desse estado, de que decahiu, e o seu coração recusará todas as mercês que não a ultima denegada.»³ E,

¹ FEATHERSTONHAUGH: *Excursion through the Slave States*. (London, 1844). Vol. I, pags. 120-122, 168-169.

² VON HOLST: *Op. cit.*, vol. III (Chicago, 1881,) pag 566-567.

³ JAMES MC. DOWELL, na *Virginia House of Delegates*. jan. 21, 1832.—VON HOLST: *Op. cit.*, vol. II, pag. 92, n.

quando essa impressão na raça tyrannizada se associa aos sentimentos publicos, a que o lucto de José Bonifacio veio dar expressão tão insolita neste paiz, a emancipação gradual é um anachronismo, impolitico, improficuo, contra-producente.

O quinquennio estipulado no projecto Dantas, deste anno, com a adhesão de José Bonifacio e varios senadores abolicionistas, não é mais do que uma advertencia á obstinação dos cegos e um acto de submissão á força. Mas, acima da submissão, que não cria, nem perime direitos, quando é constrangida, está o protesto do radicalismo abolicionista na propria formula do senador Dantas : *Cinco annos, cinco mezes, cinco dias, cinco instantes.* José Bonifacio, que, neste biennio da invasão abolicionista no mundo official, se abraçou ao chefe do gabinete 6 de junho em uma unidade intima e indissolovel, adoptou essa declaraçãc, e converteu-a em senha de guerra.

Desses cinco annos restam hoje pouco mais de quatro ; e ainda é muito. Dizia Jefferson que uma hora de escravidão era mais gravida de calamidades para a União Americana do que seculos daquella oppressão ingleza, contra a qual os fundadores da republica se tinham insurgido na grande revolução.¹ Se essa linguagem era possivel alli, onde o poder servil assentava na opinião e na politica de metade do paiz, que não diremos aqui, onde a instituição negra exclusivamente se mantém pela força de interesses decrepitos, apoiados em um officialismo incapaz ?

A fabula dos direitos da propriedade escrava já não encontra credulidade, que a ampare. Poderiamos applicar ao Brazil as palavras de um historiador celebre a respeito da America do Norte : «De dia em dia, nos Estados-Unidos, o captiveiro ia-se desnudando aos olhos da civilização como o mais vasto roubo de todos os tempos ; e, á semelhança de uma associação de salteadores assustados, bastava para

¹ HENRY WILSON: *Op. cit.*, vol. I, pag. 102.

inquietar os escravistas o simples ramalhar das folhas.»¹ Baldadas são as exterioridades convencionaes, com que o dinheiro, a violencia e o poder publico, de mãos dadas, buscam imprimir a esse vilipendio o character de função social. A aversão e o nojo de que os escravistas mesmos se possuem, alludindo á historia do trafico, o silencio da abominação que pesa sobre a memoria de tantos, «*esquecidos, comquanto infames*», cujos nomes se entrelaçam nesses annos horrendos, essa aversão e esse nojo abrangem, nos espiritos emancipados, a escravidão contemporanea, que presume respeitavel a sua posição, só porque a infamia original chegou até nós filtrada atravez de algumas gerações complices. Mas foi um fanatico do escravismo, nos Estados-Unidos, quem disse: «O importador de escravos pôde dizer ao fazendeiro que o negociante de carne humana não procedia peor do que o lavrador, nem tão mal. Trazendo captivos de Africa, apenas os removi de uns para outros senhores: não sou réu de conservar homens em servidão. Vós o sois. Vossas terras contém centenas de pessoas nessa condição miseravel. Comprando-os, fomentaes o trafico, e engravesceis os resultados de sua maldade.»² Sirva esta confissão de desengano á consciencia obtusa dos herdeiros satisfeitos do trafico.

Alheia ao direito de propriedade, antagonica a elle, terá a escravidão, ao menos, sua base na lei fundamental do paiz? Não, senhores, a Carta não nomeia o captiveiro; e, se o não nomeia, não o conhece: fallar em libertos, não é admittir escravos. «Tal é a escravidão», dizia, em 1854, um grande estadista americano, «tal é ella, que não se pôde sancionar, ou legislar, senão em termos positivos. Inferencias não a auctorizam. Desde *que seja contra a escravidão, nada pôde ser inconstitucional.*

¹ VON HOLST: *Op. cit.*, vol. I.

² Mr. HOLLAND, de North Carolina.—H. WILSON: *Op. cit.*, vol. I, pag. 95.

Inconstitucional só a hesitação o é.»¹ Assim o cremos nós, aqui também, Senhores. A inconstitucionalidade da escravidão evidencia-se da sua incompatibilidade com todas as formas de governo livres. Madison affirmava que, onde existe a escravidão, a theoria republicana é mentira.² Tanto quanto com a republica, e pelos mesmos motivos, a escravidão é impossível com a monarchia representativa.

Toda a contemporização com o interesse escravista é futil e lesiva aos direitos da patria. As conveniências economicas enunciam-se emphaticamente a par das leis do sentimento humano, já *de per se* só bastante para fundamento positivo do abolicionismo.³ Não são dignas de indulgencia, portanto, essas soluções timoratas, em que a morte invariavelmente entra no computo como factor capital da redempção. Bonaparte, aniquilados os seus exercitos nas victorias fataes de Lützen e Bautzen, dizia a Narbonne: «Que me custou isso, em summa? Tresentos mil homens, e contados ahí, de envolta, muitos allemães.»⁴ Sob o envulcro de outra linguagem, a mesma insensibilidade cynica transparece nos calculos de certos reformadores da escravidão, com a differença apenas entre a vertigem da gloria militar num caso e no outro a pequenez impassivel dos usurarios do aptiveiro.

O bronze dos campanarios ainda não cessou de ullular por José Bonifacio; e muitos dos que se supõem seus correligionarios, cifram a expressão dos seus sentimentos politicos por essa perda nacional ás celebrações pomposas da lithurgia catholica. Mas

¹ SUMNER. — H. WILSON, *Op. cit.*, vol. III, pags. 398, 440-441.

² VON HOLST: *Op. cit.*, vol. II, pag. 118.

³ JOHN MORLEY: *Critical Miscellanies*, vol. III (Lond., 1886,) pag. 192.

⁴ DE BROGLIE: *Souvenirs*, vol. I, pag. 230.

não esqueçam esses liberaes de tergiversação e cartilha que, na balança do crucificado, mais pesa uma acção boa do que todos os templos da terra. E elles, que oram e escravizam, se as suas crenças não se reduzem a paganismo, idolatria e falsidade, considerem que «ha um logar», na expressão de Burke, o *maior dos modernos*¹, «ha um logar, onde mãos innocentes e laboriosas, encadeadas e magoadas pela servidão, adquirem força irresistivel. Quando ellas se alçam, para implorar o céu contra seus oppressores, não ha cidadela, que não possam derruir pelos alicerces, não ha vingança que essas preces omnipotentes não possam descer sobre as nossas cabeças.» «Senhores», dizia o grande orador aos lords christãos de Inglaterra, «esta consideração é tremenda: detenhamo-nos nella.»²

A politica de ambiguidade e dilacões é o unico auxilio possivel á escravidão, em um paiz onde ella, de perdida que está, já não póde ter entusiastas confessos. Nós os abolicionistas, pois, ramo da familia liberal, que não deroga á lei de sua fé, mas que, antes de liberaes e contra liberaes, somos abolicionistas, porque vemos na politica um serviço da patria e um instrumento da humanidade,—temos os braços estendidos para a abolicão, seja qual fôr a parcialidade, que nol-a offereça. «Um dos melhores caracteristicos do partido liberal», ponderava Gladstone agora mesmo, «é não ter esquivado ensejo de collaborar em medidas uteis, venham de onde vierem.»³ Pronunciando-se assim a proposito da questão irlandeza, o *gigante britannico* deixa cahir estas palavras: «Essa medida, como outras medidas liberaes, terá que dever a sua consagração legislativa á acção official dos con-

¹ MONTALEMBERT : *La victoire du Nord aux Etats Unis* (Par., 1865), pag. 47.

² BURKE : *Speeches on the Impeachment of Warren Hastings, 5th. day.* Works, vol. VII (Lond., 1881), pag. 187.

³ GLADSTONE : *The Irish Question* (Lond., 1886,) pag. 25.

servadores, sustentada e possibilitada pelo patriotismo liberal e por votos também liberaes?... Não me importa conjecturar se, nesta, como em tantas outras hypotheses, caberá aos adversarios da reforma a honra de guiar-lhe ao Capitolio o curso triumphal. Espero apenas que, se mais esta vez isso occorrer, todos os politicos liberaes, sem olharem a intenções de pessoas, reconhecerão o dever inexoravel de apurarem do seu procedimento a maior somma de utilidade nacional.»¹ Da politica parlamentar e extra-parlamentar de José Bonifacio, a respeito da escravidão, é esse também o ensinamento que se deduz, e que traduzirei neste lemma: *Primeiro a abolição, nada sem a abolição, tudo pela abolição.*

Indifferente aos murmúrios do partido official, que não se demove da vereda de seus habitos, *stare super antiquas vias*, José Bonifacio expoz-se á sublevação desvairada dos velhos interesses, pregando a reconstrucção pela destruição, abrindo a guerra de uma franqueza sem misericórdia á esse liberalismo de troglodytes, que esconde sua existencia no subsolo. Sua só eloquencia foi uma agitação libertadora. Seus discursos succediam-se, como se uma opposição inteira fallasae pela bocca daquelle homem. Parecia mover-se com cem braços, suspendendo em cada mão um alcantil de granito. Quando cuidavam que lhe esmorecia o alento, e viam-n'ó tocar o chão, era para se reerguer, abalando o parlamento como a onda scismica de um terremoto longinquo. Cada dia a tribuna detonava em estampidos luminosos.

Era demais, para um espirito, mesmo da energia daquelle, tamanhá cruzada. O apostolado militante devorou-lhe a vida em dois annos numa deflagração violenta; vindo a morte encontrar-lhe ainda nos labios as palavras de sua ultima oração, quando e seu coração se rompeu, «como essa trompa onde o heroe de idade média soprou a sua alma em um jorro de sangue.»

¹ GLADSTONE: *Op. cit.*, pag. 26-27.

Já, entretanto, se murmurou que elle pouco fez ; que em vão se procuram monumentos de sua passagem; que esta consternação nacional é um espasmo hysterico, ou uma epidemia de sentimentalismo passageiro. Pensam assim os que medem os homens por catalogos, e avaliam estadistas pela frequencia de sua referenda nas collecções de leis. Afferido por esse padrão, o maior ministro brasileiro seria aquelle cujo nome esquecido houvesse transitado mais vezes pela chancellaria, como o mais glorioso paiz do mundo fôra talvez o nosso, pela multiplicidade infinita de suas leis, de suas originalidades politicas, de suas reformas e contra-reformas.

A medida do valor dos homens, porém, não é arithmetica, senão moral : está na personalidade, a qual se aprecia menos pelas acções do que pela influencia. Diz-se que os que escutavam a palavra de Chatham, sentiam transverberar alguma coisa mais bella no homem do que as mais bellas coisas que elle fallava. «O' Iole, como atinaste com a divindade de Hercules?» «Porque era fital-o, e sentir-me venturosa. Quando eu encontrava Theseu, queria vel-o dar batalha, ou guiar o carro impetuoso ; mas Hercules não demandava confronto : conquistava, apparecendo.» São assim as almas de eleição : «suas victorias dão-se por demonstração de superioridade, não por cruzar de baionetas ; triumpham, porque a sua chegada altera a face dos acontecimentos.»¹ Platão assegurava impossivel deixar de crêr os filhos dos deuses, ainda quando não se enunciem por argumentos plausiveis. Do presidente da alta côrte de justiça que sentenciou Carlos I, escrevia Milton : «John Bradshaw affigura-se um consul que os fascos consulares continuassem a seguir após o termo do anno : quem o encare, não só no tribunal, mas em todos os momentos de sua vida, imagina sempre estar a vel-o presidindo um julgamento de reis.»² Essa força irradiadora, para

¹ EMERSON: *Essays*, pag. 378.

² *Johannis Miltoni Angli pro populo Anglicano Defensio Secunda.*

que não ha dynamometro possível, que póde mais do que as obras, a eloquência, a magestade e o genio, é o caracter, isso a que alguém chamou *a vontade do homem puro*. «A vontade dos puros emana delles para os outros entes, como a agua deriva de um vaso para outro inferior. O caracter é a ordem moral entrevista atravez de uma natureza individual. Acima da benevolencia que se apreça pelas suas obras, ha o sentimento inexaurível de uma fonte superior no homem bom, «cujo somno como que saneia o ambiente, cuja casa como que aformoseia a paizagem, e reconforta as leis. Esse differença sempre se reconhece. Não se distinguem almas benévolas pela somma das suas quotas para o caldo dos mendigos. Só os meritos ordinarios são susceptíveis de enumerar-se.»¹ As almas de grandeza mediana pesam pelo que fazem; as almas como a de José Bonifacio pelo que valem.

O bem que, por esse lado, lhe devemos, é inestimavel. Foi ministro apenas seis dias em 1862, e pouco mais de seis mezes em 1864. Morreu como aquelle bravo desconhecido, que elle cantou,

*Limpo, limpo de brazões.*²

Ninguém ousaria conceber sequer a idéa de offerecer-lh'os. Fôra como pendurar no sol uma lanterna, ou propor a um apóstolo um proconsulado romano. Era desses homens que compõem a consciencia da sociedade a que pertencem. Tinha em si mesmo todo o seu prestigio, e o maior dos prestigios; porque era immaculado e incontaminavel, entre as impurezas dos nossos partidos, como a apparição celeste que espalha a sua luz entre as primeiras sombras da perdição na *Comedia* de Dante:

¹ EMERSON: *Op. cit.*, pags. 382, 388.

² J. BONIFACIO: *O corneta da morte*.

*Io son falta da Dio, sua merce, tale
Che la vestra miseria non mi lange,
Nè fiamma desto incendio non m'assale.*¹

Partidario ardente, como Lincoln foi, era, como Lincoln, a encarnação do desartificio, da serenidade, do desprezo chão pela fortuna, pela posição, por todas as grandezas facticias, que, entre nós, sobredoíram, em geral, nos homens políticos, as nullidade afortunadas. Moralidades de compostura, illusões do semblante, do gesto, da attitude, não nos faltam: a sua, porém, era uma emanação intima, uma effluencia, que oxygenava o ar, e impregnava naturalmente as almas. Associada ás qualidades excepcionaes daquella cabeça, fazia delle um desses homens, que, onde quer que se mostrem, são, na phrase de Bonaparte, a *victoria organizada*. Está morto; e, todavia, ainda nos parece prestes para a batalha, como o corpo do lidador christão no *Romancero* hespanhol, embalsamado de aromas, as cores da vida no rosto, erecto no seu ginete de guerra, o morrião na cabeça, a espada na dextra, commandando a batalha, e desbaratando os inimigos, espavoridos por esse phantasma sobrehumano da victoria.

Os triumphos do abolicionismo, ha dois annos—e são os seus maiores triumphos—contam-se pelos seus revezes. Mas são revezes como os do Christo na cruz. Deus livre dos nossos desastres os nossos inimigos. José Bonifacio já não poderá fallar aos que combatem pela causa sacrosanta. Mas, quando se accender a lareira da liberdade para os escravos, a voz d'elle resoará de novo entre os combatentes, como os sons da buzina dos caçadores na lenda allemã², que a geadá coalhara nas espiraes de cobre, mas que, ao serão, no solar aquecido pelo brazeiro, se reani-

¹ DANTE: *Inf.*, II.

² PAUL-SBINT-VICTOR: *Anciens et modernes* (Paris, 1886), pag. 162.

mam, echoam, e enchem o castello com as notas absorvidas de dia carreira pelas serras.

Perseveremos, Senhores, e organizemo-nos. Não ha, no paiz todo, para coaggregação de um partido politico, uu centro de vitalidade comparavel á idéa abolicionista. Ella abriria estrada até o fim independentemente das parcialidades politicas. Mas feliz do partido, que a esposar, e fizer sua. Se fôr o conservador, terá prestado á liberdade o mais immensuravel dos serviços, maior do que todos os progressos liberaes em cincoenta annos. Se fôr o liberal, terá revivido das cinzas, e inaugurado uma era, que virá datar a verdadeira emancipação da patria.

Os que não enxergam, senão para o lado da noite, é porque não querem dar um passo: ligeira accidentação occulta-lhes o levante. Da parte de oeste, onde se perdem ao longe as trevas do passado, o sudario desdobrado de uma praia deserta, batida pelas vagas de um mar que o horror emmudeceu, onde boiam ainda restos de navios do trafico, vem orlar a plaga escavada de uma necropole, onde os viventes consociam com os finados, como ra Bagdad devastada pelo conquistador asiatico, e o cimento da ordem social se amassa de vidas humanas, como nessas colossaes construcções de Tamerlan, em que a pedra e a cal se misturavam com os ossamentos dos mortos e a carne palpitante dos vivos. E' a terra da escravidão, onde vegetamos, á sombra da paz coitada.

Mas voltae-vos da outra banda: alae um pouco a espirito ao panorama do dia que reponta, quando as nevoas da madrugada estendem de collina em collina uma superficie de lago silencioso. Um instante mais; e, ao primeiro feixe de raios do sol, a neblina ondeia, esgarçando-se em flocos prateados; divide-se, colleando em longos canaes tortuosos, e descobre no fundo a varzea, as devezas florescentes, a cidade scintillante de vida, Atlantida que emerge magicamente entre a cinta branca dos rios espumosos, em um banho ambiente de luz. E' o

nascente, é o futuro, é S. Paulo, a metropole do progresso nacional, que acorda, estremecendo, ao appello de Santos, e volta a fronte do seio de seus valles para o ponto do céo, de onde lhe está a sorrir o vulto de José Bonifacio, alumando o horizonte como a lampada matutina dos captivos.



dos captivos.
o. ajuizando o horizonte como a
60, de onde he esta a sortie o vulto
a a fronte do seo de seus valles
e acorta, este recendo, ao appello
o, é S. Paul, a metropole do pro-



02/08 - 013

Challenger

